

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JULIANA KARINA VOIGT

**DESLIZES NO DISCURSO JORNALÍSTICO: VEJA E OS EFEITOS DE
SENTIDO SOBRE A EDUCAÇÃO NACIONAL**

CASCVEL- PR

2011

JULIANA KARINA VOIGT

**DESLIZES NO DISCURSO JORNALÍSTICO: VEJA E OS EFEITOS DE
SENTIDO SOBRE A EDUCAÇÃO NACIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Interdiscurso, práticas culturais e ideologias.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares

CASCADEL- PR

2011

JULIANA KARINA VOIGT

**DESLIZES NO DISCURSO JORNALÍSTICO: VEJA E OS EFEITOS DE
SENTIDO SOBRE A EDUCAÇÃO NACIONAL**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, em 18 de março de 2011.

Prof. Dr. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE) Coordenador (a)

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof. Dr^a. Vanise Gomes de Medeiros (Universidade Federal Fluminense)
Membro Efetivo

Prof. Dr. João Carlos Cattelan (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Prof. Dr. Alexandre S. F. Soares (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 18 de março de 2011.

*Aos meus pais: Ingo Voigt e Albertina
Sartori Voigt, os principais responsáveis
pela concretização de mais um objetivo de
minha vida.*

Agradeço a Deus, por me iluminar em todos os momentos de minha vida acadêmica;

Aos meus pais, seres mais que essenciais para minha existência;

Ao Programa de Mestrado em Letras, da Unioeste, responsável pelo
aperfeiçoamento de muitos profissionais;

À professora Dr^a. Aparecida Feola Sella. Suas aulas foram de muita importância
para o meu conhecimento. Sua determinação será, sempre, um exemplo;

Ao professor Dr. Acir Dias da Silva, pelas aulas de Literatura e Cinema, que me
mostraram muito além de teorias. Suas disciplinas foram, certamente, lições de vida;

À professora Roselene de Fátima Coito, pelas colaborações no Seminário de
Pesquisa, Qualificação e nos estudos em Análise do Discurso;

Ao professor Dr. João Carlos Cattelan, por fazer com que eu entendesse um pouco
mais sobre a AD francesa e os escritos de Pêcheux;

Ao professor Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares, meu orientador. Uma pessoa
especial, com a qual tive o prazer de aprender, desde a primeira orientação, em
2008, na graduação. Ficam, aqui, registrados os meus sinceros agradecimentos por
tudo o que fez e foi para mim. Obrigada pelos livros, e-mails, conversas, “puxões de
orelha” e ensinamentos. Sua contribuição foi de muita importância para os meus
estudos e também para o meu viver;

À minha família, que me apoiou sempre;

Aos colegas de mestrado. Foi ótimo compartilhar cada momento com vocês;

Aos amigos que, pacientemente, entenderam a minha ausência e me incentivaram.

Já é tempo de começar a quebrar os espelhos

Pêcheux

VOIGT, Juliana Karina. **Deslizes do discurso jornalístico: *Veja* e os efeitos de sentido sobre a educação nacional**. 2011. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.

RESUMO

Tendo como suporte teórico a Análise do Discurso de vertente francesa, iniciada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, em 1960, objetiva-se analisar quais são os efeitos de sentido gerados nas matérias de educação, da revista *Veja*, durante dois períodos presidenciais distintos. Trabalha-se com sequências discursivas retiradas de reportagens que contemplem a temática educacional, para que, por meio da materialidade linguística, possa se averiguar a produção de sentidos nesta revista. Como se sabe, *Veja* é o semanário mais vendido no Brasil e o quarto mais vendido no mundo. Por essa característica, apresenta-se em um lugar privilegiado no que diz respeito à formação de opinião pública, quer seja dentro do país, quer seja como referencial para as nações estrangeiras. Autointitulando-se “indispensável para o país que queremos ser”, *Veja* constrói suas realidades e contribui para a constituição do imaginário social, camuflada na ideia de ser uma revista semanal de informação que objetiva servir ao leitor. Porém, a revista, inserida no Discurso Jornalístico, atua na institucionalização de sentido(s), ou seja, contribui para a cristalização da memória do passado e, ainda, para a construção da memória do futuro. Em outras palavras, a revista atua como uma importante ferramenta na divulgação de valores cristalizados – o que pôde ser observado por meio de paráfrases negativas sobre o sistema educacional brasileiro. Sentido negativo, esse, já solidificado no imaginário nacional. Assim, baseando-se na Análise do Discurso, que se preocupa com os gestos de interpretações possíveis e com a exterioridade dos enunciados, e no Discurso Jornalístico como um discurso *sobre*, faz-se desta pesquisa um estudo relevante para compreender de que forma a mídia, aqui reduzida à revista *Veja*, constrói o seu discurso e sustenta as suas posições. Para se fazer esse estudo, utilizou-se, entre outros autores, Pêcheux (1993), (1995), (1997), (1998); Orlandi (1981), (1996), (2001), (2005), (2006), (2008); Mariani (1998), (1999), (2003), (2006), (2008) e Ferreira (2003), (2005), (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso francesa, *Veja*, educação nacional, paráfrase.

VOIGT, Juliana Karina. **Deslizes do discurso jornalístico: Veja e os efeitos de sentido sobre a educação nacional.** 2011. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.

ABSTRACT

Based on the French Discourse Analysis approach, initiated by the french philosopher Michel Pêcheux, in 1960, aims to analyze the meaning effects generated in the education sessions of *Veja* magazine, during two different presidential period. We work with discursive sequences, taken from reports, set in the education sessions to, through the linguistic materiality, be possible investigate the meaning production in this magazine. As is known, *Veja* is Brazil's best-selling and the fourth best-selling worldwide. For this feature, presents itself in a privileged place with regard to the public formation of opinion, either in the country, either as a reference to foreign nations. Calls itself "Indispensable for the country we want to be" *Veja* constructs their reality and contributes to the constitution of the social imaginary, camouflaged in the idea of being a weekly news magazine that is there to serve the reader. But the magazine, inserted in the Journalistic Discourse, operates in the meaning institutionalization and contributes to the crystallization of the memory of the past and also to build the memory of the future. That is, the magazine serves as an important tool to promote its crystallized values. What could be observed by negative paraphrases about Brazilian's educational system. Negative sense already solidified in the national imaginary. Thus, based on discourse analysis, which cares with the possible interpretations gestures and with the externality of the statements, in the Journalistic Discourse as a discourse on, it is a relevance research to understand how the media, here reduced to *Veja* magazine, builds its discourse and maintains its positions. To do this study were used, among others authors, Pêcheux (1993), (1995), (1997), (1998); Orlandi (1981), (1996), (2001), (2005), (2006), (2008); Mariani (1998), (1999), (2003), (2006), (2008) e Ferreira (2003), (2005), (2008).

KEY-WORDS: French Discourse Analysis, *Veja*, national education, paraphrase.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	AD: CONHECENDO O ARCABOUÇO TEÓRICO.....	10
3	O DISCURSO JORNALÍSTICO, SEGUNDO A ANÁLISE DO DISCURSO.....	24
4	VEJA.....	30
5	EDUCAÇÃO. VEJA O QUE DIZ A REVISTA.....	35
5.1	DE 2000 A 2001.....	41
5.2	DE 2007 A 2008.....	47
6	DIFERENTES PARÁFRASES E O REFORÇO DO MESMO.....	58
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	ANEXOS.....	71

Ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos

Eni P. Orlandi

1 INTRODUÇÃO

A partir do enunciado “a educação nacional é ruim” inicia-se essa dissertação. Sabe-se que, tendo como base o senso comum, a educação no Brasil é tida como algo inferior, quando comparada a outros países, e de fracasso, quando são analisados seus índices de desistência escolar, nível de leitura e dados afins. Rótulos como: “Brasil bom de bola, ruim de escola” e “a educação do Brasil ainda é péssima” acionam a memória discursiva e o interdiscurso sobre a constituição da educação no território brasileiro que produzem sentidos, na maioria das vezes, negativos.

A falta de preparo dos profissionais da área, a falta de incentivos dos partidos políticos, a precariedade das escolas brasileiras, a necessidade de os jovens começarem a trabalhar e desistirem da escola são alguns problemas recorrentes anunciados pela mídia sobre educação. Por meio desses e outros já-ditos, cristalizou-se, no imaginário social, a ideia de educação nacional relacionada a algo ruim: a falta de verbas, de professores, de incentivos e etc. É como se falar sobre educação nacional implicasse uma relação direta com uma construção negativa.

Não se pode resgatar, neste trabalho, o porquê de esse sentido ter se cristalizado, não sendo esse o objetivo da dissertação. Porém, a preocupação aqui é entender se a revista mais vendida no território brasileiro, a revista *Veja*, contribui para o reforço desse sentido negativo sobre a educação nacional e ainda avaliar os efeitos de sentido durante publicações inseridas em dois períodos presidenciais distintos.

Sabe-se da ousadia de iniciar um trabalho científico baseado em referências de senso comum. Mas, uso do lugar que ocupo, do papel de professora e de estudante brasileira – que recentemente esteve fora do país e pôde perceber como esse imaginário transcende um território específico – para me justificar.

Em recente viagem à Itália, percebi como a imagem do Brasil, mais uma vez baseada em senso comum, é construída de forma negativa. Tornou-se um hábito, para mim – em conversas informais estabelecidas em viagens de trem e contextos

afins – contar que, no Brasil, existem programas de pós-graduação, acadêmicos ligados à pesquisa científica e fazer com que os estrangeiros entendessem que nem tudo é o que “diz” ser. Muitos colegas de outros países se mostravam espantados com o fato de nós, estudantes brasileiros, falarmos mais de um idioma, por exemplo – como se essa característica não pudesse estar ligada ao brasileiro.

No estudo de Coracini (2007, p.59), pode-se ver que o brasileiro é significado por meio de discursos, ou seja, “ser brasileiro é ser o que dizem que somos”. Afinal, como afirma Medeiros (2008, p.205), o Brasil foi falado de fora por muito tempo, portanto, “faz parte da história do Brasil ser falado pelo estrangeiro”. Assim, algumas representações sobre o Brasil e sobre ser brasileiro foram se constituindo historicamente. De acordo com Coracini (2007, p. 59), as representações mais recorrentes inseridas em sua pesquisa mostram que o brasileiro é tido como desorganizado, indisciplinado e desonesto. O “jeitinho de ser” brasileiro também é lembrado. O estrangeiro, por sua vez, é tido como superior e tudo o que vem de fora (em especial dos Estados Unidos e da Europa) é rotulado como melhor.

Estudos como os mencionados acima mostram como, constituído pela imbricação de discursos, sempre em sistemas de representações simbólicas, o imaginário social cristalizou o “ser” brasileiro como inferior. A mídia, por sua vez, apresenta papel relevante nessa construção, porque contribui ressignificando esses efeitos, através de sua constituição de legitimidade e veracidade. O discurso jornalístico é o maior exemplo disso. Colaborando para a divulgação de valores cristalizados, a partir de um efeito ilusório de “transmissão de informação”, ancorado nos pilares da objetividade, imparcialidade e neutralidade, constrói-se como um serviço ao leitor. Provocam-se, assim, efeitos de verdade, “como se não houvesse recortes, escolhas, interesses em jogo” (CORACINI, 2008, p. 62). Nesse sentido, Silva e Soares (2008) destacam:

Como aparelho privado de hegemonia, os órgãos de imprensa propõem permanentemente interpretações sobre a realidade que acabam contribuindo para que os leitores formulem suas visões de mundo. Essas formas de pensar influenciam nos comportamentos políticos e sociais dos sujeitos históricos. (SILVA; SOARES, 2008, p. 70, grifo nosso).

Por este motivo, pensa-se no discurso jornalístico, conforme Mariani (1998, p. 61), como um discurso *sobre*, que não possui como objetivo informar, mas sim, construir realidades e institucionalizar socialmente os sentidos, atuando “na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro”.

Funcionando como responsável pela reprodução de acontecimentos, o Discurso Jornalístico não revela as suas interpretações. É neste ponto que Mariani (1998) aproxima o Discurso Jornalístico do discurso pedagógico autoritário, no qual o professor é o detentor do saber e os alunos colocam-se diante de verdades incontornáveis que os isenta, assim, de fazer qualquer questionamento. Dessa mesma forma, o discurso jornalístico, construindo-se como se os fatos falassem por si, faz com que as interpretações feitas, por esses meios de comunicação, fiquem apagadas.

Medeiros (2004) compartilha dessa mesma ideia e assemelha o discurso jornalístico ao discurso histórico quando

Mascara a função-autor e o gesto interpretativo, não através da presença de uma metodologia e/ou de referências, como faz o discurso histórico, *mas através de uma suposta autonomia dos fatos e dos acontecimentos*. (MEDEIROS, 2004, p. 109, *grifo nosso*).

Logo, quando se pensa em discurso jornalístico, pensa-se em interpretação, entendendo que o efeito de literalidade do jornalismo está relacionado à ilusão de informatividade.

Contudo, não se pretende aqui fazer do discurso jornalístico uma instância tirânica e maquiavélica, mas entender que “comunicar não é uma inocente transmissão de saberes, mas a ação do homem sobre o homem”, (SOARES, 2007, p. 181) e que “o ato de noticiar [...] não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzando-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal [...]”, (MARIANI, 1999, p.102).

Dessa forma, o discurso jornalístico torna-se uma das principais instituições responsáveis pela propagação de modelos de verdade que podem influenciar na hegemonização de sentidos, nas tomadas de posição política e, assim, na cristalização e na permanência de sentidos. Por isso, o discurso jornalístico deve ser

analisado, conforme Mariani (1999), como reprodutor de valores sustentados por um veículo de imprensa que exerce uma determinação nos sentidos.

Falar em veículo de imprensa no Brasil nos remete à revista *Veja*. Entendida aqui como um meio de comunicação representativo no cenário nacional e também fora dele, *Veja* é a revista mais vendida no território brasileiro e ocupa o quarto lugar em vendas, no mundo¹. Por essa característica, apresenta-se como um meio de comunicação de relevância no que concerne à opinião pública.

Analisar a revista *Veja*, no entanto, não é algo original. Muito pelo contrário. O semanário é alvo constante de estudos, incluídos aí pesquisas na área da Linguagem e na especificidade da Análise do Discurso francesa. Um exemplo disso é o trabalho de mestrado de Orsatto (2009) que, analisando a seção Ponto de Vista² de *Veja*, expôs:

Seja quanto à educação, à política, à imprensa, ou mesmo quanto a questões culturais, o país ocupa posição inferior perante o que é externo. Consequentemente, o cidadão brasileiro é visto como fracassado, pois, *além de receber uma educação de péssima qualidade*, é omissos e descomprometido. (ORSATTO, 2009, p. 149, *grifo nosso*)

Outro estudo sobre a revista *Veja* é o de Silva (2009, p.24). Em sua tese de doutorado, a autora afirma que “os espaços editoriais (carta ao leitor, reportagens/matérias, colunas de opinião, entrevistas) de *Veja* são utilizados para defender projetos e programas permanentemente”. Dessa forma, apresenta-se a relevância do presente estudo. Analisar a revista *Veja* é desvendar o seu discurso. É avaliar as construções que ora contribuem com a permanência, ora com o deslocamento de sentidos. A revista é uma mídia significativa quando se busca analisar um discurso que se promove como autorizado.

Cumpra observar, todavia, que, em se tratando de política, pode-se perceber em *Veja* forte tendência ao apoio a partidos e ações desenvolvidas pela direita – o

¹ Dado retirado do artigo: Bridging the Digital Divide: Brazil's Grupo Abril. Escrito por Larry Luxner, disponível no site: <http://www.luxner.com>. Acessado no dia 31 de Março de 2008.

² A seção Ponto de Vista é caracterizada como uma coluna opinativa, de acordo com manuais jornalísticos, inserida semanalmente na revista *Veja*. Nela escrevem os seguintes autores: Cláudio de Moura Castro, Lya Luft e Stephen Kanitz.

que não significa que a revista assuma, abertamente, esta posição. No entanto, esse posicionamento pode ser comprovado com as constantes publicações contra o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – que pertence ao Partido dos Trabalhadores (PT) – e também com matérias que mostram parcialmente a ideologia da revista contra *personas de esquerda*, como Che Guevara e Fidel Castro, por exemplo. Por isso, trabalha-se com dois períodos de governo: o de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e o de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), buscando analisar as matérias de educação e perceber de que forma “o discurso é a materialidade específica da ideologia”. (Orlandi 2006, p. 17)

Como esta dissertação se ancora na Análise do Discurso de vertente francesa, não se pensa em verdade, mas segue-se Soares (2007), que compreende a existência de *versões da verdade* funcionando nos meios de comunicação. Afinal, não se trabalha com a completude dos fatos, mas com a incompletude, pois essa é a característica do simbólico.

Registra-se que esse trabalho não está preocupado em se posicionar e concordar ou não com o que está na revista, mas em entender o funcionamento discursivo deste meio de comunicação. Dito de outra forma, pretende-se observar como os sentidos se constroem e como se materializam.

Para entender esse funcionamento, como já mencionado, tem-se como suporte teórico a Análise do Discurso francesa, iniciada pelo filósofo Michel Pêcheux na década de 60. Esse trabalho concentra-se nos estudos de Pêcheux (1993), (1995), (1997), (1998) e nas releituras e ressignificações feitas por Orlandi(1981), (1996), (2001), (2005), (2006), (2008), e demais autores que seguem essa mesma vertente. Fala-se, então, de uma forma de conhecimento da linguagem que nasceu, de acordo com Courtine (2006), com o efeito de produzir uma domesticação do olhar sobre os textos. Diferentemente das teorias da linguagem de seu contexto temporal, a Análise do Discurso (doravante AD) não se preocupa em entender o que um texto quer dizer; a AD está preocupada em desvendar de que forma esse texto produz sentido.

Interessada no discurso e entendendo que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2005, p. 21), preocupa-se com o efeito de sentido entre interlocutores. E

institui como seu objeto teórico, como comentam Sargentini e Silva (2005), o discurso. Por meio dele, a AD pretende explicar o funcionamento discursivo através da relação entre língua e história. Diferentemente do pensamento vigente em sua época, o Estruturalismo, que explicava o sentido recorrendo ao conceito de sistema, a AD leva em conta a exterioridade dos enunciados e a entende como elemento constitutivo do funcionamento do discurso.

A AD surge, então, contradizendo teorias como a Semântica e interrogando o histórico, o ideológico, o linguístico e as ciências sociais. Por esse motivo,

Soube dar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem; bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem. *A linguagem pela ótica discursiva ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido e vai distinguir-se também da condição que lhe confere a psicanálise.* (FERREIRA, 2003, p. 41, grifo nosso).

Segundo Orlandi (2008), a AD surge para romper com a forma como as ciências sociais usavam seus instrumentos de análise, procurando analisar o funcionamento discursivo da linguagem. Para tanto, interessa-se por outras áreas do conhecimento além da Linguística, como o Materialismo Histórico e a Psicanálise. A AD é um “lugar de múltiplas tensões”, como aponta Courtine (2006, p. 44).

Classificada por Orlandi (2005) como disciplina do entremeio e por Guilhaumou e Maldié (1986 *apud* Courtine 2006) como um disciplina interpretativa completa em si mesma, a AD desloca conceitos e se utiliza de teorias não linguísticas. Entre as contribuições mais significativas estão as releituras de Marx, feitas pelo filósofo Louis Althusser, e as releituras de Freud, feitas pelo psicanalista Jacques Lacan.

Pêcheux retoma os estudos de Althusser e traz o conceito de ideologia, aquela capaz de produzir evidências e ainda produzir o efeito ideológico elementar: o sujeito como senhor de si. Pêcheux (1995, p. 32) diz que são as evidências que explicam porque “as palavras têm um sentido porque têm um sentido, e os sujeitos são sujeitos porque são sujeitos”. Para a AD, as palavras não têm sentido próprio, ou seja, não existe uma relação direta entre significado e significante. Toda palavra significa de acordo com a Formação Discursiva na qual está inserida, diferentemente da vertente saussureana, que define as estruturas da língua em função da relação

que elas estabelecem entre si no interior de um sistema linguístico, onde se definiriam por oposição. Para citar um exemplo, na verdade saussureana, um homem é um homem, porque não é uma mulher.

A AD trabalha com a opacidade da língua, por isso não acredita na literariedade de sentido. Como mostra Ferreira (2003, p. 42), “a língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua”. A língua é entendida aqui como condição de possibilidade de discursos.

O sujeito, por sua vez, não é mais entendido como indivíduo, como sujeito empírico. Ele é posição-sujeito, porque vai significar obedecendo ao posicionamento que ocupa. É ainda interpelado pela ideologia (exterioridade) e sujeito do inconsciente (interioridade).

Para falar sobre o inconsciente, Pêcheux retoma os estudos de Lacan, que entende que o inconsciente está constituído pela linguagem; é o discurso do outro que está sempre ali. Assim, “o sujeito, por definir-se através da palavra do outro, nada mais é que um significante do outro” (MUSSALIM, 2006, p.109).

A AD está calcada em conceitos oriundos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, marcando-se como uma disciplina interessada no funcionamento discursivo. Mariani (2008) afirma que a disciplina reterritorializou conceitos desses outros campos como forma de pensar a noção do sujeito e criar um modelo de análise que se afastasse da Semântica, ou seja, que não pensasse nos textos como decodificáveis e explicativos. De acordo com a autora, o intuito da AD é não supor uma metalinguagem objetiva, capaz de efetuar descrições da realidade, “é evitar cair em postulados realistas” (p. 45).

Segundo Pêcheux (1998), a AD nasce como uma disciplina preocupada com a interpretação, por isso é utilizada como base teórica desta dissertação. Por considerar que a teoria contribuirá para entender os sentidos construídos nas matérias de educação da revista *Veja*, que serão apreendidos, primeiramente, pela sua materialidade linguística. Porque, como afirma Pinto (2002, p. 26), “é na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar”.

Assim, o trabalho que aqui se apresenta está segmentado da seguinte maneira: primeiro faz-se uma explanação sobre o arcabouço teórico, mostrando um pouco do histórico da teoria e de conceitos relevantes. No segundo capítulo, fala-se sobre o Discurso Jornalístico (DJ), relatado sob o viés da AD. Nesta dissertação entende-se o DJ como inserido na mídia; por isso, este capítulo objetiva mostrar como a mídia foi e como é entendida e de que forma ela “é uma instituição que abrange a sociedade letrada e urbana, agendando para os sujeitos leitores o que ler, fazer, comer, pensar, agir, criticar etc”. (MARIANI, 2006, p.31).

Na sequência, tem-se o propósito de fazer alguns apontamentos sobre a revista *Veja*, mostrando o contexto histórico do surgimento do semanário e alguns dados que se consideram significativos. O quarto capítulo, intitulado *Educação: veja o que diz a revista*, registra as matérias que serviram como *corpus* de análise deste trabalho. Por meio de sequências discursivas, retiradas de 35 reportagens da editoria Geral da revista *Veja*, inseridas na temática “Educação”, faz-se uma tabela selecionando as matérias por tópicos, para uma posterior compreensão de sentidos, que estarão nos subcapítulos seguintes. A ideia é mostrar como *Veja* constrói o seu discurso durante dois períodos presidenciais distintos, evidenciando os efeitos apreendidos. A tabela com todas as sequências discursivas, retiradas das reportagens, encontra-se em anexo ao final do trabalho.

O último capítulo desta dissertação objetiva ressaltar como a revista atua na constituição do imaginário coletivo, em relação à negatividade da educação brasileira e, ainda, evidenciar o funcionamento do DJ.

Mas é preciso antes sublinhar que em nome de Marx, de Freud e de Saussure, uma base teórica nova, politicamente muito heterogênea, tomava forma e desembocava em uma construção crítica que abalava as evidências literárias da autenticidade do “vivido”, assim como as certezas “científicas” do funcionalismo positivista

Michel Pécheux

2 AD: CONHECENDO O ARCABOUÇO TEÓRICO

A AD francesa é a corrente teórica na qual se baseia esta dissertação. Mais especificamente, tomam-se como alicerce os estudos iniciados na década de 60, pelo filósofo francês Michel Pêcheux, e as contribuições, bem como ressignificações de conceitos, ordenadas por representantes da teoria no Brasil, como Orlandi (1981), (1996), (2001), (2005), (2006), (2008); Mariani (1998), (1999), (2003), (2006), (2008) e Ferreira (2003), (2005), (2008), entre outros.

Para discorrer sobre a AD, sente-se a necessidade de entender como surgiu a ideia de elaborar uma maneira de refletir sobre o discurso, a partir de um estudo que contemplasse o linguístico, o histórico e o ideológico.

Para tanto, faz-se um breve apontamento sobre o precursor das teorias linguísticas. Foi com o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que os estudos da/sobre a linguagem ganharam um novo olhar. Considerado o pai da Linguística Moderna, o linguista foi responsável por elaborações teóricas que revolucionaram o campo da Linguística e a fizeram ser entendida como uma ciência. Saussure desenvolveu uma série de conceitos que são de interesse até os dias de hoje. O signo linguístico (relação significado/ significante), bem como as demais dicotomias: sincronia/diacronia, língua/fala, entre outras, serviram de base para inúmeras teorias posteriores, que vieram contribuir com esses estudos, ou contrapô-los.

Assim, diante de inúmeras maneiras de pensar a linguagem, que se estabeleceram depois dos escritos de Saussure (e que aqui não serão mencionadas, pois não se objetiva fazer uma retrospectiva histórica das correntes linguísticas), via-se no início dos estudos da AD, nos anos 60, no contexto acadêmico, uma tendência ainda Estruturalista. As escolas, baseadas em análises sintáticas e semânticas de seu objeto, propunham-se a entender o que o texto quis dizer, ou seja, “estudar a língua estava até então relacionado a pensar: o que o texto quer dizer?” (PÊCHEUX, 1993, p.62).

O filósofo Michel Pêcheux estava motivado a buscar algo além das correntes até então propostas. Deve-se levar em consideração, no entanto, que a AD, proposta pelo filósofo, não é de interesse apenas linguístico. Como afirma Orlandi (1996), essa teoria não se caracteriza nem como uma teoria linguística, nem com

uma teoria filosófica, mas como um ponto de vista diferente, que instaura um objeto diferente. E esse objeto é o discurso.

Assim, Pêcheux elabora uma teoria que tinha, a princípio, interesse no político, porque, como afirma Perucchi (2008, n.p.), nos anos 60, as “atividades acadêmicas eram diretamente afetadas por questões políticas”. Para o autor, a Linguística ofereceria meios para abordar esse tema porque, para ele, o instrumento da prática política é o discurso.

Além de pensar no político associado à Linguística, Pêcheux também interrogava as ciências sociais vigentes da época, pois, conforme Ferreira (2003, p. 39), via-se “o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa”. Orlandi (2008, p. 33) pondera que “a linguística, na vaga do estruturalismo, colocou-se como ciência piloto das ciências humanas”. Por esse motivo, apresentava-se a necessidade de uma mudança de terreno, de

sair do modo de reflexão instituído pelas Ciências Humanas e Sociais da época, pois esse modo de reflexão estava comprometido com o empirismo, embaraçado na problemática subjetivista (centrada no indivíduo), e ligado ao formalismo, a partir do estabelecimento da língua como objeto da Linguística. (MARIANI, 2008, p.46).

Segundo Orlandi (2008), entende-se que as ciências sociais estão no prolongamento direto da ideologia que as desenvolveu no contato com a prática política. Logo, “a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social” (HENRY, 1993, p.24). Por meio desses conceitos, Pêcheux buscou elaborar uma ruptura no campo ideológico das ciências sociais:

Pêcheux com a ‘Análise Automática do Discurso’ queria “fornecer às ciências sociais um instrumento científico de que elas tinham necessidade, um instrumento que seria a contrapartida de uma abertura teórica em seu campo” (HENRY, 1993, p.15)

Com a ideia de que “as ciências sociais não são nada além de Ideologias” (HENRY, 1993, p.18), Pêcheux aponta como uma problemática o fato de as ciências sociais suporem a transparência da linguagem, ao contrário do que ele acreditava. Para ele, o sujeito e a significação não são transparentes. Pensando na concepção

discursiva da linguagem, Pêcheux, então, critica a forma como os instrumentos de análise são usados pelas ciências.

Essa nova concepção não entende a linguagem enquanto instrumento de comunicação “de significações que existiram e que seriam definidas independentemente da linguagem (ou seja: como informações)” (ORLANDI, 2008, p. 34), porque a linguagem serve também para não comunicar. O proposto era, então, pensar nas práticas linguísticas inseridas em uma dada sociedade por meio de uma perspectiva de análise materialista dos efeitos das relações de classe:

Na França, a Análise de Discurso é, de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação, sob uma forma mais complexa do que o suporia uma simples co-variação, o campo da língua (susceptível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica). (GADET, 1993, p. 8).

O que Pêcheux buscava era “pensar na materialidade do sentido e do sujeito, seus modos de constituição histórica” (ORLANDI, 2008, p.35). Por isso, propunha uma teoria que aliasse o Linguístico, o Histórico e o Ideológico.

Ancorado nos estudos de releituras de Marx feitas pelo filósofo francês Louis Althusser, Pêcheux inaugura uma teoria calcada na ideologia e em seu apagamento. O autor afirmava que a ideologia está presente em tudo. De acordo com Silva (2009, p. 59), “Althusser concebe a ideologia como imaginário que intermedeia a relação das pessoas com suas condições de existência”. Essa ideologia fica apagada para o sujeito:

A ideologia intervém não só na representação dos sujeitos em relação às suas condições sociais, mas também na imagem que os sujeitos têm das formulações linguísticas recebidas ou produzidas. O filósofo ainda preconiza que os discursos não estão imunes à *ideologia: ela sempre os determina e determina a todos, inclusive aqueles que pretendem ser objetivos, tais como os discursos científicos*. (SILVA, 2009, p. 160, grifo nosso).

Pêcheux, ancorado nos estudos de Althusser, e na obra “Aparelhos Ideológicos do Estado” (1970), parte da ideia de que as ideologias têm existência material, ou seja, “devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção” (MUSSALIM, 2006 p. 103). O que se destaca, então, é pensar que “a ideologia deve ser estudada em sua

materialidade, e a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa” (MUSSALIM, 2006, p. 4). Logo, entende-se a relevância dos estudos de Althusser. Para ele, é na linguagem que se pode depreender o funcionamento da ideologia.

Assim, Pêcheux e Fuchs (*apud* Silva 2009), com base em Althusser, caracterizam a ideologia como uma instância que tem uma existência material e se articula com o domínio da economia. Em relação ao sistema econômico capitalista, Althusser afirma que a infraestrutura, ou seja, a base econômica domina a superestrutura; isto quer dizer que a base econômica exerce poder sobre as instâncias político-jurídicas e ideológicas, dentro de uma sociedade.

Althusser (1985, p. 68), baseado em Marx e retomando a teoria de Estado, denomina o que seria tido como Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), caracterizados, como “um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas”, como, por exemplo, a escola, a igreja, o sistema político e o sistema jurídico, entre outros. De acordo com Althusser (*apud* Silva 2009, p. 78) estes têm a finalidade de “reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas”. Mussalim (2006) diz que a ideologia pode ser depreendida pelo funcionamento desses AIE, que propagam discursos da ideologia dominante. Sobre o mesmo assunto, Pêcheux (1995) afirma:

‘A ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu...’, o que quer dizer que os aparelhos ideológicos do Estado não são a *expressão* da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante [...], *mas sim que eles são seu lugar e meio de realização*. (PÊCHEUX, 1995, p. 145, *grifo nosso*)

Logo, Althusser buscava apreender o funcionamento da ideologia por meio dos discursos dos AIE. A Linguística, com bases estruturalistas, não conseguira depreender essa materialidade; por isso, a partir de então, não se pensa na língua enquanto um sistema fechado, mas se passa a investigar o discurso.

Pêcheux, além de afirmar a importância da ideologia para sua teoria, ainda se ocupa com o sujeito porque, para Althusser (1985, p. 93), “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”.

De acordo com Althusser, o efeito ideológico elementar é o sujeito se ver como indivíduo. A ideia é que estamos sempre inseridos na ideologia e somos, então, por ela interpelados em sujeito:

É pela ideologia que os sujeitos percebem-se livres e acreditam ser capazes de ocupar uma posição mais alta, sempre. O que a ideologia esconde é que o sistema é o que os conduz a ocupar uma função X dentro das relações de produção. (SILVA, 2009, p. 159).

O sujeito imagina-se como fonte do seu dizer: “O funcionamento ideológico provoca as ilusões descritas: apaga-se para o sujeito o fato de ele entrar nessas práticas histórico-discursivas já existentes” (MARIANI, 1998, p. 25). Surge, assim, uma nova maneira de pensar em sujeito.

Como homem do seu tempo, Pêcheux se angustiava com a concepção de sujeito cartesiano, sujeito do cogito que circulava nas Ciências Humanas. Para ele e seu grupo, a ideia de um sujeito centrado no seu próprio eixo, senhor de seus atos e de sua vontade e livre de determinações não satisfazia mais às inquietações da época. (FERREIRA, 2005, p.71)

De acordo com a AD, o sujeito constitui-se a partir da língua e da história e é afetado por elas para que possa produzir sentido. É reflexo das condições de produção nas quais está inserido. Além da interpelação da ideologia, Pêcheux, com suporte nas teorias do psicanalista Jacques Lacan, considera o inconsciente como parte fundamental da constituição do sujeito.

De acordo com Henry (1992, p. 155), o empreendimento de Lacan buscou “reencontrar o caminho em que Freud foi conduzido pela histeria, ao deixá-la falar segundo seu desejo”. Parte-se, então, do inconsciente, daquilo que está fora do alcance. “Nossa tendência é acreditar que estamos no controle, e, no entanto, às vezes algo excêntrico e estranho fala, digamos assim, por intermédio de *nossas bocas*” (FINK, 1998, p. 20, *grifo do autor*). Aí está o inconsciente. Segundo Mussalim (2006, p. 107), “o inconsciente é o lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro”. Corroborando, cita-se também Lacan (*apud* Fink)

Nascemos em um mundo de discurso, um discurso ou linguagem que precede nosso nascimento e que continuará após a nossa morte. Muito antes de uma criança nascer, um lugar já está preparado para ela no universo linguístico dos pais: os pais falam da criança que vai nascer, tentam escolher o nome perfeito para ela, preparam-lhe um quarto, e começam a imaginar como suas vidas serão com uma pessoa a mais no lar. As palavras que usam para falar da criança têm sido usadas, com frequência, por décadas, se não séculos e, geralmente, os pais nem as definiram e nem as redefiniram, apesar dos muitos anos de uso. Essas palavras lhes são conferidas por séculos de tradição: elas constituem o Outro da linguagem. (FINK, 1998, p.21, *grifo nosso*)

Entende-se, então, que o sujeito para Pêcheux é aquele constituído pela ideologia e pelo inconsciente “e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (HENRY, 1992, p. 188-189). Assim, de acordo com a concepção adotada neste trabalho, o sujeito é assujeitado ao ideológico e ao inconsciente. Em suma, o sujeito da AD se situa

estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. Como se vê, a Análise do Discurso ao construir a categoria teórica do sujeito o faz, desde o início, pautando-se por uma singularidade que a torna muito peculiar. O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freud-laciano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui. (FERREIRA, 2003, p. 40, *grifo nosso*).

Logo, o sujeito, para a AD, é interpelado pela ideologia, marcado pelo inconsciente e pela história. Sabe-se, no entanto, que, falar sobre o sujeito em AD é tocar em seu “calcanhar de Aquiles”. Por esse motivo, já expondo justificativas, delimita-se que, para o presente estudo, o sujeito está baseado nos pressupostos já mencionados e na sujeição, porque este está sempre determinado nos “dizeres” já estabelecidos socialmente. Como afirma Henry

A língua ultrapassa sempre a atividade individual da fala pela qual ela se manifesta de tal modo que nenhuma fala, não importa o que pensemos, não é propriamente fala de um indivíduo. Todo enunciado, toda fala, é atravessada pelo já dito ou já escutado [...]. Quanto àquilo que articula o já dito ou já escutado de toda fala ou de

todo enunciado, não é exatamente sintaxe, tem raiz no inconsciente, não no sujeito. *Para ser exato, não há propriamente processo imaginário. Tudo que se passa no registro imaginário é assujeitado ao inconsciente.* (HENRY, 1992, p.170, grifo nosso).

Quando se fala em assujeitamento, não se fala em graus de assujeitamento, mas à ideia de que nenhum sujeito é Adão bíblico, ou seja, o sujeito não é dotado da capacidade de ser o primeiro a dizer. Por isso existe o exemplo citado por Pêcheux (1995), em referência ao Barão de Münchhausen, quando este contador de histórias consegue se reerguer pelos próprios cabelos – o que acarretaria na concepção de um sujeito dotado de poderes, um “todo poderoso”.

Ao contrário dessa liberdade, o sujeito é assujeitado. “Não se está dizendo totalmente, parcialmente, muito, pouco ou mais ou menos” (ORLANDI, 2001, p. 100). Vale-se aqui do que Pêcheux chama de “forma-sujeito”, ou seja, o sujeito inserido na ideologia, “o sujeito afetado pela ideologia” (BRANDÃO, 1985, p.65).

Ainda referente ao assujeitamento, concorda-se com Mariani (2003, p. 25) quando ela afirma que “nenhum processo de assujeitamento pode ser completo ou imutável até porque o sujeito, no todo social, não ocupa apenas (1) posição”. Assim, o sujeito enuncia de acordo com o lugar que ocupa.

O sujeito, ocupando uma posição na formação social, é levado a identificar-se com uma certa formação ideológica e enunciar de determinada maneira, *esquecendo-se de que está submetido ideologicamente, pensando que o seu dizer é autônomo e independente de outras vozes.* (ROMÃO; FERRAREZI, 2008, p. 24, grifo nosso).

Quando se fala em posição do sujeito no discurso, então, defende-se a ideia de subjetivação ideológica dentro de uma Formação Discursiva (FD). Para entender melhor este termo, é preciso definir, primeiramente, a noção de Formação Ideológica (FI):

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento. (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166).

Entendido o conceito de ideologia e de FI, dentro da teoria, retoma-se Pêcheux (1995), quando ele diz que a ideologia fornece evidências. Por esse motivo, todos sabem o que é um soldado, um operário, um patrão e etc. Para o autor, essa evidência de sentido está diretamente ligada às formações ideológicas.

Para Pêcheux, não existe sentido “colado” à palavra. Como diz Fink (1998, p. 33), “nenhuma palavra, nenhuma afirmação tem qualquer valor fixo”. Isso quer dizer que o sentido das palavras está relacionado às formações ideológicas, aos processos sócio-históricos, nos quais cada palavra é reproduzida. Ou seja, não existe uma relação direta entre o significado e o significante:

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

Isso quer dizer que o sentido das palavras só pode ser entendido/interpretado em referência às formações ideológicas, que são apreendidas pelas formações discursivas, definidas como “aquilo que numa formação ideológica dada [...], determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). É através da FD que se pode compreender o processo de produção de sentidos.

De acordo com Orlandi (2006), as formações discursivas são a projeção na linguagem das formações ideológicas. Por isso, a relevância em localizar em qual FD o sujeito está inserido para produzir um efeito de sentido e não outro.

Falar em efeito de sentido entre interlocutores, isto é, em discurso, faz com que se mostre que a AD nega a ideia de linguagem entendida como meio de comunicação.

Pêcheux recusa completamente a concepção da linguagem que a reduz a um instrumento de comunicação de significações que existiriam e poderiam ser definidas independentemente da linguagem, isto é, “informações”. (HENRY, 1993, p. 25).

Como afirma Henry (1993, p. 26), “a linguagem serve também para comunicar, mas essa é apenas a parte emersa do iceberg”. Quando se fala em

discurso, pensa-se não em transmissão de informação, mas em um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos.

Aqui, situa-se, então, a crítica que Pêcheux (1995) fez à Semântica. Pêcheux mostra que mesmo havendo autores como Adam Schaff, que buscou uma base materialista ao seu estudo, a linguagem era vista apenas enquanto comunicação, mas nunca o contrário disso. Schaff não pensou em algo que seria possível: a linguagem enquanto não-comunicação.

Sabe-se que a crítica à Semântica feita por Pêcheux (1995) atinge uma proporção muito maior do que a mencionada no parágrafo anterior. Fato que se comprova principalmente pelo livro “Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio”. De acordo com Pêcheux (1995), a semântica formal era contraditória e incompleta:

Os semanticistas se utilizam de relações dicotômicas, como: abstrato/concreto; animado/não animado; humano/não humano... Ex: cadeira - seria classificado como objeto, físico, não animado, artificial, móvel, portátil, com pés, com assento, para pessoas... mas se quiséssemos classificar palavras como história, por exemplo, o que aconteceria? O que diria um semanticista? (PÊCHEUX, 1995. p. 30).

Para o autor, estudar a linguagem era algo que dizia respeito a um interesse maior. E, outra vez, não se consideraria o sentido como fixo à palavra. O sentido, como dito, está relacionado às FDs. Ou seja,

Não há porque se considerar um sentido literal e seus efeitos: há múltiplos sentidos, há polissemia. Em certas condições de produção, um sentido se torna dominante e adquire estatuto de literalidade. (ORLANDI, 1996, p. 163).

Não se pensa em sentido literal, porque a língua para a AD não é um sistema fechado e imutável; ela é entendida como “condições de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 22), como produtora de sentido na vida do sujeito.

A língua, para a teoria, é, então, opaca e polissêmica. Orlandi (1996, p. 137) mostra a relevância em se tratar da polissemia e da paráfrase. A primeira tida como fonte do sentido e a segunda como matriz do sentido: “matriz ou fonte de sentido, é que esses dois processos são igualmente atuantes, são igualmente determinantes para o funcionamento da linguagem”. De acordo com a autora

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos - e os sujeitos - não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2005, p.38).

Assim, entende-se que, pelo jogo da paráfrase e da polissemia, ou seja, do mesmo e da ruptura, os sentidos se movimentam e significam. Para depreender as paráfrases e polissemias, o analista do discurso deve pensar na interpretação, pois, para a AD, não interessa o que um texto quis dizer, mas, sim quais os efeitos de sentidos que foram gerados.

De acordo com Orlandi (2005), a AD teoriza a interpretação, buscando saber como os objetos simbólicos produzem sentido. Trabalha com os mecanismos e processos de significação da interpretação, ou seja, a AD se preocupa com a compreensão de como um texto, enunciado, música, produz sentido: como é a significância feita por sujeitos para sujeitos.

Essa significância sempre estará relacionada às condições de produção, isto é, às condições nas quais determinado discurso está inserido. Pêcheux (1993) caracteriza as condições de produção como circunstâncias de um discurso. De acordo com Orlandi (2005), as condições de produção englobam os sujeitos e a situação. É, pelas condições de produção, que

designa-se, geralmente, o “contexto social” que “envolve” um corpus, isto é, um conjunto desconexo de atores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma “conjuntura.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 53).

Em suma, as condições de produção revelam quem diz, porque diz, para quem e a partir de onde diz. A preocupação está relacionada, aqui, à produção do discurso. Logo, sempre que se aborda um *corpus*, deve-se fazer uma ligação às suas condições de produção, como forma de interpretar os efeitos de sentido, sempre avaliando o funcionamento discursivo, porque

o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso. (ORLANDI, 1996, p. 117).

Assim, preocupa-se em entender de que forma, por meio das condições de produção, determinados efeitos de sentido são motivados, lembrando que o efeito de sentido

nunca vem dado a priori, [...] é construído discursivamente, devendo-se, para sua determinação, tratar o texto como discurso, não podendo isolá-lo das suas coordenadas espaço-temporais e pessoais. (CATTELAN, 2008, p. 35).

Levando em consideração o discurso, com suas características, busca-se, nesta dissertação, encontrar os efeitos de sentido gerados pelas matérias de educação inseridas na revista *Veja*: “E o que interessa, quando pensamos o discurso, é a possibilidade dos múltiplos sentidos e não a informação factual e mensurável” (ORLANDI, 1996, p. 138). Para tanto, deve-se entender o discurso como o lugar onde se pode observar a relação entre língua e ideologia e compreender como os efeitos de sentidos são produzidos historicamente.

Ao falar sobre história, é possível relacionar outros conceitos de relevância para a teoria: o de memória discursiva, o de interdiscurso e também o de esquecimento.

A memória discursiva é caracterizada por Orlandi (2006, p. 21) como “o já dito que constitui todo dizer”. A autora (2005; 2006) classifica como termos pares o conceito de interdiscurso e o de memória discursiva, sendo entendidos como aquilo que fala em outro lugar e por isso afeta o modo de significação dos sujeitos em circunstância específica. A memória funciona “como um motor que aciona os incontáveis fios que chegam com toda a força da heterogeneidade, da descontinuidade, da disjunção e também da ruptura” (FERREIRA, 2008, p.15).

Logo, entende-se que existe um dizer como base do dizível, ancorado na memória e no interdiscurso, uma vez que “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo” (ORLANDI, 2005, p.35). Por isso, a memória discursiva será significativa na produção dos efeitos de qualquer discurso.

Uma vez que se tem o conceito de memória no funcionamento discursivo, Pêcheux cria também o conceito de esquecimento, dividido em duas instâncias: esquecimento nº 1 – relacionado ao inconsciente e caracterizado como a decorrência da maneira como somos atingidos pela ideologia; e esquecimento nº 2 – que está na ordem da enunciação e relaciona-se à escolha lexical:

Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar “o que pensa” e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que esta zona nº 2, que é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/ consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito. (PÊCHEUX, 1993, p. 177).

Como se depreende, o esquecimento nº 2 está marcado pelas escolhas que fazemos, o esquecimento nº 1, por sua vez, está relacionado ao inconsciente e pode ser apreendido por meio dos atos falhos, lapsos e etc. Conforme afirma Maia (2006, p. 34) “é por essas ‘palavras falhadas’ que o inconsciente, então, manifesta-se”. De acordo com a autora, nós nos revelamos, enquanto sujeitos, mais pelas palavras que evitamos do que pelas palavras que empregamos. De acordo com Freud (*apud* Maia 2006) todos os lapsos, quer seja a repetição, o esquecimento, a distorção de nomes e erros ortográficos estão relacionados com a expressão do desejo proibido, realizadas por motivações do inconsciente. Mariani (2008, p. 28) também corrobora essa afirmação quando relata que “há marcas de subjetividade inscritas no dizer, marcas que assinalam, simultaneamente, traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico”.

Para interpretar essas marcas do inconsciente e também do ideológico, cabe ao analista do discurso se colocar diante de seu objeto e analisá-lo, objetivando-se a resgatar os efeitos de sentido, tendo em vista que

todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

De acordo com Orlandi (2005, p. 71), o analista do discurso deve percorrer as etapas da análise, passando da superfície linguística ao processo discursivo: “devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a

ideologia.” Segundo a autora (2005, p. 89), o analista deve atravessar a linearidade do texto e “encontrar o modo como se organizam os sentidos”.

Assim, cumpre dizer que é papel do analista do discurso compreender os efeitos de sentido suscitados pelo discurso estabelecendo relação linguística, histórica e ideológica para desvendar porque o discurso tomou determinado(s) sentido(s) em detrimento de outro(s) e também para poder analisar de que forma esses discursos foram construídos. No caso específico desta dissertação, trabalha-se com sequências discursivas, ou seja, de acordo com Sargentini (2005), sequências retiradas por processo de extração ou isolamento de um campo discursivo de referência, para compreender a construção discursiva de *Veja*, nas matérias de educação. Logo, deve-se considerar que

os textos, para nós, não são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras. Nem tampouco nos atemos aos aspectos formais cuja repetição é garantida pelas regras da língua – pois nos interessa sua materialidade, que é linguística – histórica, logo não se remete a regras, mas as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco. O que nos interessa não são as marcas em si, mas o seu funcionamento no discurso. (ORLANDI, 2005, p. 64-65).

Por este motivo, utiliza-se, aqui, a AD francesa, buscando analisar o funcionamento discursivo em uma das mídias mais significativas do país para compreender se a revista reforça ou não sentidos já cristalizados, como aquele que afirma que a educação brasileira é ruim. Pretende-se, ainda, avaliar, tendo como base os conceitos da AD, de que forma o discurso sobre um mesmo tema é construído durante a gestão de dois presidentes distintos. Assim, pensa-se nas condições de produção, nas FDs e FI, nas paráfrases, nas escolhas lexicais, como forma de apreender qual é o funcionamento de *Veja*.

É possível afirmar que há uma ritualização ideológica presente no discurso jornalístico, entendendo ritualização aqui como uma forma de manutenção e repetição de determinados sentidos.

Bethania Mariani

3 O DISCURSO JORNALÍSTICO, SEGUNDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Como um dos enfoques principais dessa dissertação é trabalhar com o discurso jornalístico, doravante DJ, sob uma perspectiva da AD de corrente francesa, tornou-se necessário apresentar um capítulo que abordasse a questão da mídia³ a partir das atuais condições de produção, entendendo que o DJ encontra-se aqui inserido.

Segundo Thompson (2005), vive-se hoje em uma sociedade midiada e dentro de uma cultura midiada. Sabe-se também que a imprensa é conhecida como “quarto poder”, comparação feita pela sua capacidade de influenciar os sujeitos dentro da sociedade. McLuhan (1964), em um texto sobre meios de comunicação, mostra como a imprensa era, em sua época, tida como referencial de “verdade”:

Um amigo meu que tentou ensinar alguma coisa sobre as formas dos meios em escolas de nível médio, ficou surpreso ante a resposta unânime dos alunos; *nenhum deles, em nenhum momento, podia aceitar a sugestão de que a imprensa ou qualquer outro meio de comunicação pública pudesse ser utilizado com intenções desonestas.* (MCLUHAN, 1964, p. 236, grifo nosso).

Muitos são os autores que, ao relacionarem mídia e sociedade continuam discutindo esse “valor” dos meios de comunicação. Um exemplo é Lopes (2004). Para ele, além de viver influenciado pela mídia, hoje existe ainda o que se chama de culto à mídia. O autor diz que a maneira como a mídia é tratada implica a naturalização dos meios de comunicação, o fortalecimento da ideia de que se deve submeter acriticamente às suas regras. O autor ainda relata que

há uma forte resistência à ideia de que o que passa na mídia possa ser examinado e que ainda seja possível discordar de seus enfoques e “padrões de qualidade”. Essa resistência existe na própria mídia que não permite ou dificulta o seu auto-exame. (LOPES, 2004, p. 52).

Porém, apesar de a mídia impor essa resistência, diferentemente do que acontecia no ano de 1964, hoje, devido aos avanços tecnológicos na área da

³ Toma-se aqui o termo mídia para designar os meios de comunicação, como internet, jornal impresso, revista, rádio, televisão, entre outros.

comunicação, a mídia está cada vez mais forte⁴, mas, em contrapartida, é cada vez mais debatida e vulnerável, porque existe uma série de argumentos que levam a quebrar o paradigma de “quarto poder” dado à imprensa. De acordo com dados da pesquisa “Hábitos de Informação e Formação da Opinião Pública Brasileira”⁵, realizada em julho de 2010, 57,3% dos entrevistados disseram achar os meios de comunicação tendenciosos e 72,1% disseram que não acreditam no que leem e ouvem.

Apesar de viver num paradoxo, a mídia apresenta uma relação profunda com a sociedade. Com esse “poder”, os grandes veículos brasileiros, representados pelos grupos Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Bandeirantes), Civita (Abril) e Frias (Folha), tendem a retratar a realidade como empresas jornalísticas com interesses diversos. Silva (2009, p. 251-252) afirma que se deve estar atento e “perceber as frações específicas do capital que estão representadas nos diferentes aparelhos privados de hegemonia que são os grupos empresariais de comunicação no Brasil”.

Logo, não se pode pensar em mídia/imprensa inocente. Como confirma Kellner (2001, p. 123), “os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e a ações políticas”. Dessa forma, o que é transmitido pela mídia não deve ser tido como verdade e, sim, servir de análise para compreender quais são os sentidos transmitidos e de que forma eles acontecem.

De acordo com Silva (2009), é no contexto político que se pode observar com maior facilidade o papel dos meios de comunicação na mídia:

É no campo das eleições que fica mais irrefutável o papel dos meios de comunicação em sua ação política, agindo paralelamente e em consonância com os grandes partidos formais que disputam eleições. Por mais que existam atualmente regulamentações quanto à cobertura das eleições, os meios de comunicação sempre alcançam privilegiar os seus candidatos preferenciais. O problema fica mais grave na medida em que os meios de comunicação, a exemplo de

⁴ No sentido de pensar, como Ries e Trout (1996) afirmam sobre o número de veículos que sugiram para servir à “necessidade de comunicação” (televisão, jornal, rádio AM e FM, cartazes etc.).

⁵ Dado retirado do site: <http://orlandobarrozo.blog.br/?p=6255>.

Veja não “assumem partido”, não dizem abertamente que estão apoiando candidato x ou y por concordarem com sua plataforma. Utilizam-se ainda dessa aparente neutralidade para se defenderem de qualquer acusação de tomarem partido. (SILVA, 2009, p. 252).

Assim, observa-se que é utópica a visão de um jornalismo marcado pela verdade, objetividade, neutralidade e, sobretudo, imparcialidade. Considera-se a mídia, hoje, como uma forma de representar o mundo e o que acontece nele. Logo, o papel do jornalismo é a construção de realidades – lembrando que não se pensa aqui em realidade em si, mas sim numa realidade hegemônica (predominante) que pode ser transformada pelo tempo, porque o que foi hegemônico em determinado período histórico pode deixar de ser.

Outro ponto relevante do DJ que merece atenção se relaciona ao fato de que o produto jornalístico é fruto do trabalho de um sujeito assujeitado, que é interpelado pela ideologia, característica que não é percebida. Mariani (1998) afirma que o DJ tende ao apagamento da interpretação e a aproximação com o discurso pedagógico, porque

Fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária. Se no discurso pedagógico autoritário cabe ao professor fazer a mediação entre o saber científico e os aprendizes de tal modo que, com bases em citações de autoridade e afirmações categóricas [...] os alunos vêem diante de verdades incontornáveis – no professor está a verdade –, sentindo-se, portanto, tolhidos a fazer qualquer questionamento, no discurso jornalístico mascara-se o apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si. (MARIANI, 1998, p. 61-62).

Dessa forma, remetendo a autoria do fato ao próprio fato, o discurso jornalístico acaba por reforçar a ilusão de objetividade. E ainda faz com que o leitor, ocupando posto de “aluno”, precise sempre de explicações sobre os assuntos.

Deve-se lembrar também que o jornalismo, na maioria das vezes, provém de uma empresa com objetivos específicos e, como tal, apresenta seus interesses e um projeto ideológico-político, onde nem tudo pode ser dito. O conjunto dos veículos de comunicação não funciona como uma rede de grande abrangência que anseia informar a população sobre o que acontece, mas como uma fábrica que precisa

produzir diariamente notícias e vender espaços publicitários para gerar lucro. Afinal, trata-se de empresas que estão inseridas num sistema capitalista.

Mariani (2006) relata que fica apagado, para os leitores, o processo de construção do DJ. Partindo de uma necessidade de caráter utilitário de saber sobre os fatos que acontecem no país e no mundo, os leitores se deparam com as notícias e as encaram como algo relevante, pois, se constituiu no imaginário social essa premissa: se está no jornal, é importante.

Leitores e jornalistas encontram-se, dessa maneira, enquadrados nos domínios de pensamento de sua época, ficando imersos em uma agenda (organizada pelos 'donos' do jornal) previamente constituída por interpretações legitimadas, ou já tomadas como socialmente consensuais, ou que virão a se tornar consenso por força, exatamente, dos efeitos produzidos pela própria imprensa. (MARIANI, 2006, p. 34).

Percebe-se, então, que a imprensa, por meio do discurso jornalístico, possui como característica atuar na manutenção dos sentidos. Aparentemente, o jornalismo se apresenta com o objetivo de transmitir informações e se constrói baseado na linearidade da comunicação, onde se tem um emissor, uma mensagem e um receptor e todos exercem apenas as funções que lhes nomeiam. Porém, o DJ não é visto dessa forma pela AD, porque a informação implica, na situação de comunicação, um processo de produção de discurso e de efeitos de sentido.

O ato de informar o público – o que é considerado o papel primordial dos meios de comunicação – implica escolher⁶ não só o que se diz e como se diz, mas também provocar efeitos de sentido decorrentes dessas escolhas, seja para influenciar os outros, seja para um posicionamento político diante da notícia. Quem diz constrói sentidos.

Mariani (1998) classifica o DJ como um *discurso sobre* porque vê o mundo como objeto, uma vez que o efeito do *falar sobre* torna objeto aquilo de que se fala. Os *discursos sobre* são considerados intermediários porque estão situados entre o discurso de origem e o interlocutor. E, como tal, atuam na institucionalização social dos sentidos.

⁶ Registra-se que “escolher” aqui está entendido como uma escolha feita a partir de uma FI.

Posta assim a questão, pode-se dizer que, para a AD, o jornalismo não tem como objetivo a informação, mas a construção de determinada(s) realidade(s). Vale dizer que as marcas ideológicas estão sempre presentes no DJ. Tudo é dito e/ou escrito a partir de uma formação ideológica com um objetivo que não informar, mas construir efeitos de sentidos a partir de uma FD.

Acrescenta-se a isso que os sujeitos que produzem a revista (ou qualquer texto do gênero), assim como todo ser humano, falam a partir de lugares determinados, condições de produção daquele discurso, fato esse que determina o que pode e deve ser dito e de que forma.

A crítica à manipulação e formulações ideológicas da mídia não devem ficar na aparência, nem pressupor que se trata de desvios de funções, pois assim estaríamos pensando dentro do padrão liberal de imprensa, que propõe que a imprensa tem uma função de “servir à população”. São ideias cini esta que ocultam a atuação pedagógica e partidária dos meios de comunicação.

Carla Luciana Silva

4 VEJA

Roberto Civita, filho de Victor Civita – o dono do grupo Abril –, era estagiário da revista *Time* quando foi convocado pelo pai a retornar para o Brasil e, conseqüentemente, a colaborar com a empresa da família. O filho, então, com 22 anos, aceitou a proposta, com uma condição: produzir uma revista semanal de informação. Surgia, então, a revista *Veja*. Seguindo o padrão estilístico da *Time*, o novo semanário tinha por finalidade retratar os acontecimentos da semana.

O idealizador de *Veja* enxergava no Brasil um forte potencial quanto à produção de revistas rotuladas “de informações gerais”. Porém, faltava o essencial para que o semanário começasse a circular: os jornalistas. E foi com o surgimento de *Veja* que se realizou, pela primeira vez, um curso que abordasse assuntos referentes ao jornalismo de revista, caminho adotado pela Editora Abril para a posterior contratação de funcionários.

Portanto, para constituir a primeira equipe profissional a trabalhar no semanário, a editora treinou cem jovens graduados e selecionou cinquenta que acabaram por fazer parte da redação. A primeira edição da revista foi publicada no dia 9 de setembro de 1968, como relata o especial *Veja 40 anos*, da revista *Plug*:

A pessoa que observasse o mostruário de uma banca de revistas iria notar que havia alguma coisa diferente. *Realidade*, *Manchete* e outros títulos daquele período partilhavam o espaço com uma publicação nova. Pelo menos 700 mil leitores notaram isso. Ao custo de 1 cruzeiro novo – o equivalente a 4,38 reais –, eles compraram exemplares da edição número um de *Veja* e *Leia*, o lançamento da Editora Abril. (PLUG, 2008, 13^a, 34)

Convém ponderar que na data de sua publicação, o Brasil encontrava-se em pleno regime militar e, por consequência, em forte esquema de repressão de imprensa. Como confirma Scalzo (2004, p. 31), “*Veja* lutou com dificuldade, durante sete anos, contra os prejuízos e contra a censura do governo militar.” A revista posicionou-se contra a ditadura e este fato a levou à censura. Sobre as consequências deste posicionamento, Lima (2006) afirma:

Calcula-se que os militares vetaram dez mil linhas de texto, além de 60 reportagens e mais de 60 fotos e ilustrações. Uma simples nota, por exemplo, sobre a indicação de Dom Helder Câmara, arcebispo

de Olinda e Recife, foi suficiente para trazer um censor para a redação de *Veja*. (LIMA, 2006, p. 31).

O fim da censura aconteceu no ano de 1976 com a saída do editor Mino Carta, um dos funcionários mais procurados pela ditadura. Mesmo com o fim da repressão, a revista ainda não conseguia obter um bom número de exemplares vendidos. Diferentemente do que ocorreu com o primeiro exemplar, as vendas posteriores não contentavam, como declarou Roberto Civita, em entrevista à revista *Plug*:

A gente apanhou, não vendia nada, perdíamos dinheiro a rodo. Tivemos um prejuízo de 10 milhões de dólares por ano em seis anos, nos termos de hoje. Quase quebramos a Abril na época. (PLUG, 2008, p. 34).

A situação começou a mudar quando a revista já completava 10 anos. O ápice da transformação aconteceu já nos anos 90, quando a linha editorial sofreu algumas transformações. A linguagem passou a ser mais leve e as notícias baseadas em pautas “frias”⁷, com predominância dos temas de comportamento.

Segundo Carnevalli (*apud* Lima 2006), alguns fatores contribuíram para essa transição do semanário. Para a autora, os leitores de *Veja* não precisavam de uma maior explanação das notícias veiculadas nos jornais, pois supriam essa necessidade com a televisão e a internet. Além disso, por viver em uma sociedade fragmentada, a classe média (considerada pela autora o público-alvo da revista) sentia necessidade de um “manual de sobrevivência” e de matérias que abordassem assuntos relativos a como arranjar emprego, educar os filhos etc. Dessa forma, a revista, além de publicar matérias factuais sobre economia e política, passou a dar importância aos *fait divers*, ou seja, às matérias que causam empatia no leitor.

Seguindo essa linha editorial, *Veja* alavancou suas vendas e, é hoje, a quarta revista mais vendida no mundo, ficando atrás somente das norte-americanas: *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*.

Com expressiva vendagem, a revista foi referência em significativos acontecimentos no âmbito nacional, como, por exemplo, o que antecedeu o

⁷ Àquela que não está relacionada a um acontecimento factual. Não exige urgência na sua divulgação.

impeachment do primeiro presidente eleito diretamente no Brasil, Fernando Collor de Melo.

Em maio de 1992, foi publicada uma entrevista com Pedro Collor, irmão do presidente, repleta de críticas ao governo e denúncias sobre o mandato. Depois disso, mais quatorze capas veiculadas foram dedicadas ao tema abordando o esquema de corrupção organizado por Paulo César Farias, o tesoureiro da campanha. Posteriormente a muitas publicações sobre o assunto – não só na revista, mas também na mídia televisiva e radiofônica – e a apelos políticos, a população brasileira foi às ruas reivindicar a falta de compromisso de Collor. Em setembro do mesmo ano, o presidente foi afastado.

Sobre o ocorrido, o chefe da sucursal da *Veja* de Brasília, Policarpo Júnior, afirma: “a revista foi a locomotiva do processo de *impeachment* do presidente e detonou o escândalo no qual estava envolvido o governo”. (PLUG, 2008. 13ª ed. 40). Este fato registra a relevância da revista no sentido de formação de opinião pública. Sabe-se que a revista não foi o único meio de comunicação a se posicionar contra o governo, mas pode ser considerada como um importante veículo para a consequência deste acontecimento.

O semanário passa então a trabalhar com o que é tido como jornalismo investigativo e outras matérias nessa linha ganham bastante repercussão. Para Policarpo, a revista *Veja* desempenhou papel importante no cenário da política nacional: “Eu diria que nove em cada dez acontecimentos políticos dos últimos 40 anos foram protagonizados por reportagens publicadas em suas páginas”. (PLUG, 2008. 13ª ed. 40). Deve-se destacar, todavia, que a revista sempre tendeu para a exposição ou omissão de determinados fatos, pois, se sabe que, em relação à política, a revista *Veja* sempre defendeu ações de direita⁸. Silva (2009) a caracteriza

⁸ Tomam-se os termos “Direita e Esquerda” remetendo à Revolução Francesa, quando esses vocábulos foram designados para identificar grupos sociais e a posição de suas cadeiras na Assembléia Nacional Francesa. A partir de então, utiliza-se o termo direita para designar sujeitos, grupos ou partidos políticos que se caracterizam como conservadores em relação a costumes e liberais em relação à economia. O termo esquerda, por sua vez, cristalizou-se com o sentido de oposição, na busca de uma sociedade mais igualitária. Na atual condição de produção, os termos fazem referências a ideologias e interesses distintos. O termo direita liga-se a ideia de liberalismo econômico, igualdade de oportunidades, individualismo e acredita que a lei está acima do povo. O termo esquerda aparece relacionada à ideia de coletividade, igualdade de renda, intervencionismo econômico e afirma que a vontade do povo está acima da lei.

como “o indispensável partido Neoliberal” e afirma que a revista age, muitas vezes, como um partido, organizando e encaminhando a hegemonia capitalista.

Publicações contra *personas de esquerda* podem comprovar a afirmação anterior. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva - que pertence ao Partido dos Trabalhadores (PT) foi, durante os dois mandatos, alvo de críticas constantes da revista, incluindo aí muitas matérias de capa. Che Guevara e Fidel Castro também são exemplos de sujeitos sempre significados negativamente na revista. Matérias sobre Che, com o seguinte título e linha fina⁹: “Che, a farsa do herói. Verdades inconvenientes sobre o mito do guerrilheiro altruísta, quarenta anos depois de sua morte” (VEJA, ed. 2028), dão pistas sobre a FI na qual a revista está inserida. Ao tratar de Fidel Castro, a posição ideológica da revista fica ainda mais explícita. Para informar sobre o fim do governo do ditador, *Veja* publicou “Já vai tarde. O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”. (VEJA, ed. 2049).

Em virtude dessas considerações, pode-se comprovar como a revista *Veja* tem sua ideologia e esta se encontra marcada nas suas reportagens semanais. Também por estar inserida em uma sociedade capitalista, apresenta interesses financeiros e comerciais. Portanto, ela não é apenas um meio de comunicação com objetivo de informar e ser “indispensável para o país que queremos ser”, como afirma seu *slogan*. A revista é um produto que transmite uma visão mediante determinados assuntos.

Sabendo do seu forte poder de persuasão e impacto, *Veja* produz efeitos de sentido a partir de condições de produção próprias que envolvem o caráter histórico e ideológico da sociedade. Por esse motivo, observar qual é o posicionamento de *Veja* em relação à educação nacional, quais são os efeitos de sentido que ela produz quando compara o quadro nacional ao de outros países e observar se existe a ressignificação do imaginário negativo educacional se torna um estudo relevante.

⁹ Texto que serve de complemento ao título da matéria.

Todo fato já é uma interpretação

Nietzsche

5 EDUCAÇÃO. VEJA O QUE DIZ A REVISTA

Tendo em vista o poder da mídia na sociedade atual, considera-se importante fazer um estudo que interrogue e analise os meios de comunicação, porque, como afirma Soares (2007), o ato de “informar” é recortar a partir de interesses e construir realidades. “A notícia, o jornal, o anunciante, as condições de produção e a linguagem, como efeito de sentido entre interlocutores, vão interpretando o mundo numa dada direção” (SOARES, 2007, p.182). Por este motivo, este capítulo é direcionado a descrever de que forma as análises desta dissertação serão feitas. O *corpus* desse trabalho é composto por sequências discursivas retiradas de reportagens inseridas na editoria Geral, abordando a temática “educação”, da Revista *Veja*, no período de 05 de abril de 2000 a 21 de março de 2001 e de 04 de abril de 2007 a 02 de abril de 2008 (em Anexo). Essas datas correspondem, respectivamente, ao período no qual o Brasil foi governado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, e ao período de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Num primeiro momento, mostra-se a diferença de efeitos durante esses dois períodos, para depois entender se a revista *Veja* contribui ou não para um imaginário coletivo em que a educação nacional já é cristalizada como algo negativo.

Faz-se agora uma distinção entre o discurso durante os dois períodos já apresentados. O primeiro recorte feito foi nas matérias de educação, inseridas no período de segundo mandato de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, pertencente ao partido político PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Nesta primeira seleção, de um total de 50 edições, 12 abordam a temática educacional.

Já no período selecionado durante o segundo mandato de governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pertencente ao partido político PT (Partido dos Trabalhadores), de um total de 53 edições, têm-se 23 que contemplam a editoria de educação. Pode-se dizer que este fato já significa como efeito de sentido.

Logo, trabalha-se com o total de 35 edições, inseridas em dois anos de pesquisa. Um dado a ser registrado é que, durante os dois períodos selecionados para a análise, nenhuma edição trouxe a editoria de educação como matéria de

capa da revista. As matérias sempre vieram inseridas na Editoria Geral e não receberam destaque.

Com o objetivo de fazer um contraponto entre os dois períodos e entender também a ideologia da revista marcada nas seleções de matérias, traz-se aqui tabelas especificando a edição da revista, o título, a linha fina e a sua inserção em uma categoria. A revista, da forma como é organizada, faz com que o leitor imagine que a opinião do veículo está marcada nos espaços reservados a esse propósito, como os editoriais e colunas, por exemplo. Porém, o que se mostra aqui é que não há a necessidade de se dirigir a ambientes específicos, porque a ideologia está marcada em qualquer enunciado. Por isso

essa ilusão desdobra-se no sentido de supor que as opiniões, como elementos subjetivos e fruto de escolhas pessoais, estão confinadas a certos espaços do jornal, que incluem a coluna do ombudsman, charge, cartas de leitores e os editoriais, marcando apenas ali a presença da opinião e silenciando que o político-ideológico constitui os atos de linguagem e os relatos. (ROMÃO; FERRAREZZI, 2008, p. 27).

Dessa forma, depreende-se o projeto político-ideológico da revista, analisando a construção dos seus discursos, as escolhas feitas e também aquelas que foram negadas. Para uma primeira observação, fez-se um recorte das matérias do ano de 2000 a 2001, que foram separadas em categorias como forma de facilitar a apreensão dos sentidos. Logo, a tabela ficou dividida da seguinte forma: 1 - Matérias com dados positivos sobre o Brasil; 2 - Matérias que reforçam a importância do estudo; 3 - Matérias sobre outros países; 4 - Matérias sobre a inserção de novos cursos no contexto acadêmico; 5 - Matérias que trazem o contexto escolar com uma nova abordagem; 6 - Matérias de cunho psicológico; 7 - Matéria que relata a decadência das escolas católicas.

1 - Matérias com dados positivos sobre o Brasil:

Data	Edição	Título	Linha fina
05/04/2000	1643	Vaga para todos	Maior oferta de empregos faz crescer procura pelos cursos que formam professores

10/05/2000	1648	O nível melhorou	A PM mineira ficou menos violenta depois que investiu não em armas, mas no ensino da tropa
20/12/2000	1680	Recorde histórico	Proliferam as novas faculdades e o número de universitários nunca foi tão grande
07/03/2001	1690	Viva a Periferia	Um estudo do MEC mostra que há escolas pobres oferecendo ensino de alta qualidade

2 - Matérias que reforçam a importância do estudo na vida dos sujeitos:

Data	Edição	Título	Linha fina
10/01/2001	1682	Doutor metalúrgico	Quem prospera nas montadoras brasileiras são operários políglotas, com diploma universitário e estágios no exterior
14/02/2001	1687	O "X" da questão	A tabela diz tudo: quanto mais se estuda, maior é o salário e menor é a taxa de desemprego
21/03/2001	1692	Campeões do provão	Perfis dos primeiros no "Provão" do Ministério da Educação mostram como a escola ajuda a subir na vida, confirmam a qualidade da universidade pública e revelam coisas surpreendentes sobre o universitário brasileiro

3 - Matérias sobre outros países:

Data	Edição	Título	Linha fina
31/01/2001	1685	O número 1 dos negócios	A escola Wharton desbanca Harvard no ranking dos melhores MBAs do mundo

4 - Matérias sobre a inserção de novos cursos no contexto acadêmico:

Data	Edição	Título	Linha fina
31/05/2000	1651	Canudo esquisito	Universidades ampliam oportunidades com cursos pouco ortodoxos, como pilotagem

5 - Matérias que trazem o contexto escolar com uma nova abordagem;

Data	Edição	Título	Linha fina
21/02/2001	1688	Aula de casinha	Escola ensina moças a ser como a vovó. Para casar

6 - Matérias de cunho psicológico:

Data	Edição	Título	Linha fina
01/11/2000	1673	Essa é de doer	Em campanha contra a palmada, psicólogos pretendem tornar a prática ilegal

7 - Matéria que relata a decadência das escolas católicas:

Data	Edição	Título	Linha fina
04/10/2000	1699	Colégios vazios	As escolas católicas têm 200.000 alunos a menos e 130 unidades fechadas nos últimos cinco anos

As reportagens que correspondem ao período de 04 de abril de 2007 a 02 de abril de 2008, foram divididas da seguinte forma: 1 - Matérias que criticam explicitamente o ensino nacional; 2 - Matérias baseadas em pesquisas; 3 - Matérias com dados positivos sobre o contexto nacional; 4 - Matérias relacionadas às novas tecnologias, como uso de computadores em sala de aula e temas afins; 5 - Matérias que tenham como interesse central retratar o professor; 6 - Matérias nas quais é possível perceber, com maior expressividade, o posicionamento ideológico da revista; 7 - Matérias que contemplem dados de indicadores de educação nacional e, por fim, 8 - Matérias que discorram sobre a educação em outros países.

1 - Matérias com dados negativos sobre o Brasil:

Data	Edição	Título	Linha fina
18/04/2007	2004	O pior da turma	Economistas dizem que o Brasil vai mal na educação por um motivo: falta pensar no futuro
03/10/2007	2028	Prova do fracasso	Estudantes não sabem a diferença entre uma sentença e um parecer. Os cursos são os culpados

07/11/2007	2033	E a gente ainda goza dos americanos	Em matéria de conhecimentos geográficos, os brasileiros são de uma ignorância que não está no mapa
31/10/2007	2032	Acusando, culpando e errando	O gerúndio tem sido discriminado pelo hábito nacional de enrolar. O que há de verdade nisso?

2 - Matérias baseadas em pesquisas:

Data	Edição	Título	Linha fina
18/04/2007	2004	É bom começar cedo	Pesquisa mostra que frequentar o jardim-de-infância tem efeito positivo ao longo da vida escolar
22/08/2007	2022	Yes, nós somos bilíngues	Alfabetizar as crianças em dois idiomas é uma opção que causa ansiedade aos pais. A boa notícia é que começar cedo é o melhor

3 - Matérias positivas sobre o contexto educacional nacional:

Data	Edição	Título	Linha fina
02/05/2007	2006	Luxo zero, ensino nota 10	Pesquisa mostra um fato surpreendente: as melhores escolas públicas do Distrito Federal são também as mais pobres
04/07/2007	2015	Receita Mineira	O bom exemplo de Minas, que emplacou as cinco universidades campeãs no novo ranking do MEC
15/08/2007	2021	A nova cara da ciência	Quem são os três jovens brasileiros que aparecem na lista dos cientistas mais influentes no mundo
05/12/2007	2037	Lição bem-feita	Um novo ranking revela escolas estaduais de ótimo ensino. Elas serão premiadas por isso
12/03/2008	2051	Modelo de negócio	Sistema implantado em Pernambuco aplica princípios empresariais na educação. Funciona
02/04/2008	2054	Ciência num lugar inesperado	Numa cidade brasileira marcada pelo atraso, surgirá um dos mais avançados laboratórios de neurociências do mundo

4 - Matérias relacionadas ao uso de novas tecnologias:

Data	Edição	Título	Linha fina
16/05/2007	2008	Na língua de “kmoes”	Pobre Camões. Estão mudando a língua escrita. Felizmente na escola é diferente
16/05/2007	2008	O computador não educa, ensina	A tecnologia pode ser uma poderosa ferramenta para facilitar o aprendizado, mas não pelas razões que muita gente acredita
08/08/2007	2020	Desconectados	Sem supervisão, computadores nas escolas brasileiras mais distraem do que ensinam

5 - O professor:

Data	Edição	Título	Linha fina
06/06/2007	2011	O herói da USP	Xingado pelos grevistas, o professor Abdalla dá um bom exemplo: ele quer ensinar
19/12/2007	2039	Sumidos da sala de aula	A história dos professores campeões em faltas chama atenção para uma lei benevolente – e prejudicial ao ensino

6 - Posicionamento ideológico, explícito, da revista:

Data	Edição	Título	Linha fina
13/06/2007	2012	Ensino que é bom...	Mãe ganha na justiça o direito de protestar contra o colégio da filha. Na cartilha sobra ideologia e falta conteúdo
12/09/2007	2027	Graças a Deus – e não a Darwin	As escolas adventistas aparecem entre as melhores do país, mas ainda sobrepõem o criacionismo à teoria da evolução

7 - Indicadores da educação nacional:

Data	Edição	Título	Linha fina
27/06/2007	2014	Educar é medir, ter metas e cobrar	Novo indicador do MEC diz quanto cada escola do país deve progredir

8 - Outros países:

Data	Edição	Título	Linha fina
23/05/2007	2009	Cultura do sucesso	Pesquisa mostra que jovens de origem asiática vão mais longe nos estudos e estão deixando os brasileiros para trás
20/02/2008	2048	A melhor escola do mundo	Como a Finlândia criou, com medidas simples e focados no professor, o mais invejado sistema educacional
26/03/2008	2053	Vá à escola, ganhe este celular	Programa em Nova York chama atenção para uma discussão polêmica: até onde premiar os bons alunos

Depois de feitas as tabelas, com as matérias divididas em categorias, torna-se possível destacar algumas contradições e também algumas aproximações no discurso de *Veja*.

DE 2000 A 2001

No período referente ao governo de Fernando Henrique Cardoso, registraram-se 12 reportagens inseridas na temática de Educação. Destaca-se que esse primeiro recorte é marcado por uma “aura” de aspectos positivos, por meio de matérias jornalísticas relacionadas à inserção de novos cursos superiores no território nacional. Um dos exemplos vem da matéria *Canudo esquisito*, edição 1651:

Apenas nos dois primeiros anos, as quase 900 instituições brasileiras criaram 39 cursos pioneiros.

Nesta reportagem, fica explícita a necessidade de novos cursos como uma exigência do mercado de trabalho. A próxima sequência mostra o apoio concedido pelo governo às universidades:

Essa é uma das dezenas de novas carreiras universitárias que começaram a ser oferecidas desde 1996, quando o governo federal deu maior autonomia às escolas de ensino superior para a criação de cursos acadêmicos.

A revista evidencia a relação e a importância do governo diante desse novo quadro, no qual as universidades possuem autonomia para instituir cursos. Ou seja, mais do que dizer sobre as universidades, a revista está marcando o seu

posicionamento ideológico e contribuindo para uma construção positiva sobre o então atual governo.

Continuando a tratar sobre o desempenho nacional, no que concerne ao aumento de cursos, tem-se a matéria *Recorde Histórico*, edição 1680, que traz dados sobre o número de universidades e de universitários no país. Nesta matéria, afirma-se:

O batalhão de estudantes em escolas superiores, considerando-se apenas as instituições privadas, é hoje 41% maior que há três anos – o salto mais expressivo já registrado na história do país.

Registra-se, outra vez, a melhora deste setor sendo marcada temporalmente, estabelecendo méritos ao atual governo. Não se pode esquecer que “o funcionamento discursivo [...] é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 1996, p.125), fazendo com que se perceba o reforço positivo ao governo do Brasil, naquele momento. Característica também percebida na matéria intitulada *Vaga para todos*, edição 1643:

A expansão do sistema educacional do país está ocorrendo sobretudo na rede pública.

Nota-se, mais uma vez, o reforço ao apoio político e assim, pode-se perceber como a mídia funciona como elemento fundamental de consenso. Por exemplo, a revista *Veja* está a todo o momento vangloriando o atual sistema de governo, por meio de discursos que geram efeitos de sentido positivos em relação ao desenvolvimento educacional – o que Mariani (1998) classifica como o entrelaçamento entre os eventos políticos e a imprensa, que funciona a partir de um compromisso político com o projeto ideológico da revista. E, quando se fala em *Veja*, fala-se de um meio de comunicação voltado à classe média brasileira, inserida numa FI neoliberal, como entendida por Silva (2009)¹⁰, fato esse que pode justificar os

¹⁰ Silva (2009) defende a ideia de que a revista *Veja* foi um importante veículo de comunicação nacional atuante na construção da hegemonia neoliberal no Brasil. Para a autora, a revista ocupou papel relevante no consenso em torno das práticas neoliberais no país. Práticas essas que abrangem não só o campo político, mas às técnicas de

efeitos positivos quando se analisam matérias inseridas num governo que pertence à mesma FI. De acordo com Moraes (2001), o Neoliberalismo se resume a dois ideais principais: o primeiro deles é a ideia de privatizar estatais e serviços públicos e o segundo é criar um novo quadro que diminua a interferência dos poderes públicos nos empreendimentos privados. O PSDB, partido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, enquadra-se nos parâmetros do neoliberalismo; por isso, mesmo não se rotulando como um partido neoliberal, o governo, muitas vezes, teve como características comportamentos inseridos neste segmento, como, por exemplo, o apoio às privatizações.

Assim, *Veja* reforça a sua FI nas matérias de educação inseridas neste período, apoiando o que está sendo desenvolvido pela gestão política. Na continuidade vê-se que a revista reforça a necessidade de educação e destaca a importância do ensino. Na matéria intitulada *O nível melhorou*, da edição 1648, destaca-se o seguinte trecho:

Os estudiosos do assunto informam que o segredo de Minas está ligado a duas iniciativas no universo da educação. A primeira foi obrigar os oficiais a fazer cursos de pós-graduação. A segunda consistiu em incentivar soldados a tirar um diploma de curso superior.

É possível observar a ideia da importância da educação. Afinal, de acordo com a matéria, o nível dos policiais militares está melhor porque eles voltaram à sala de aula. Na matéria *Doutor metalúrgico*, edição 1682, destaca-se:

Quem prospera nas montadoras brasileiras são operários políglotas, com diploma universitário e estágios no exterior

Para complementar, tem-se a matéria *O “x” da questão*, da edição 1687, em que se afirma:

O emprego para o pessoal sem qualificação está desaparecendo.

gerenciamento do capital e a construção de mundo necessária a essas práticas, atingindo também o lado ideológico do processo.

Essas três matérias geram o efeito de sentido sobre a necessidade de estudo para os brasileiros e a relação emprego *versus* estudo. De certa forma, esse é um conceito já cristalizado na sociedade, sempre pensando na ideia de estudar “para ser alguém na vida”. Mariani (1998) caracteriza esta construção discursiva como intrínseca ao DJ, pois ele atua com o propósito de didatizar o mundo, ou seja, de produzir explicações, estabelecer causas e consequências, como “você deve estudar, se quer ser alguém na vida”, lembrando que, quando se diz “ser alguém na vida,” aciona-se outro conceito cristalizado ligado ao capitalismo, porque “ser alguém” nas nossas atuais condições de produção está relacionado ao fator financeiro: a ter dinheiro, posses, etc. Outro apontamento que pode ser feito é a relação da FI neoliberal com o discurso, ou seja, a revista mostra que existe vaga para todos. Logo, se o brasileiro está sem emprego, é porque não possui qualidades suficientes para a vaga, e não o contrário disso. O governo, dessa forma, não pode ser acusado pela falta de emprego e a responsabilidade recai no sujeito.

Citando ainda outro sentido cristalizado, tem-se a relação entre pobreza *versus* má qualidade de ensino, retratada na matéria *Viva a periferia*, edição 1690:

Um estudo do MEC mostra que há escolas pobres oferecendo ensino de alta qualidade

Percebe-se, aqui, que a relação constituída no imaginário social é desfeita, pressupondo-se a “quebra” dessa relação ligada à gestão de governo do país. Como se o mérito de acabar com a relação pobreza X má qualidade de ensino fosse possível com um governo que prepara os professores e se preocupa com a qualidade dos diretores de escolas públicas, como pode ser observado:

O mérito das dez (*escolas*) escolhidas está, basicamente, em três aspectos. Elas adotam práticas pedagógicas adaptadas à realidade dos alunos, os professores compensam lacunas de formação com cursos de atualização e os diretores são bastante presentes.

Orlandi (1996, p. 123) afirma que “em um discurso, então, não só se representam os interlocutores, mas também a relação que eles mantêm com a formação ideológica”. E é exatamente isso que pode ser observado até o momento. Fala-se de um partido político e de um meio de comunicação inseridos numa mesma

FI. Nota-se como o discurso é construído gerando sempre um efeito de sentido positivo sobre o governo e também sobre suas ações.

Dando continuidade às matérias, destaca-se uma reportagem que buscava retratar o perfil dos alunos que se saíram melhor no Provão¹¹. *Em Campeões do Provão*, edição 1692, registra-se:

Perfis dos primeirões no "Provão" do Ministério da Educação mostram como a escola ajuda a subir na vida, confirmam a qualidade da universidade pública e revelam coisas surpreendentes sobre o universitário brasileiro

Nota-se, que, mais uma vez, tem-se o reforço do sentido de que a escola é importante para a vida do sujeito:

Confirma-se que a universidade está cada vez mais aberta e democrática, elevando a maioria dos estudantes a um degrau superior na escada social.

A partir desses últimos recortes, deve-se levar em consideração que a imprensa “funciona construindo um modelo de compreensão de sentidos, instituindo uma ordem, isto é, organizando e fazendo circular os sentidos que interessam a instâncias que o dominam” (CORACINI, 2007, p. 62). Por isso, durante esse período, existe essa resignificação de positividade, de entender a importância da escola e, ainda, de saber como a educação está melhorando. Afinal, veem-se mais cursos universitários, têm-se escolas de periferia com ótimo ensino, os estudantes estão ocupando, cada vez mais, os bancos universitários e até os policiais que voltam à sala de aula ficam menos violentos.

Percebe-se que *Veja* constrói uma série de asserções para confirmar o seu posicionamento, e mais que isso, o faz de tal modo que o leitor toma esses efeitos como óbvios. Como sustentam Romão e Ferrarezzi (2008, p. 24) “o dizer só pode ser expresso da forma como ele ‘controla’ e o faz, apagando outros sentidos e nem sequer suspeitando da existência deles”.

¹¹ O Exame Nacional de Cursos (ENC-Provão) foi um exame aplicado aos formandos, no período de 1996 a 2003, com o objetivo de avaliar os cursos de graduação da Educação Superior, no que tange aos resultados do processo de ensino-aprendizagem. Dado retirado do site: <http://www.inep.gov.br/superior/provao>

Ainda retratando as matérias inseridas neste primeiro recorte, há aquelas que não estão ligadas diretamente com o tema educação, apesar de elas estarem inseridas na temática educacional, como, por exemplo, a reportagem *Essa é de doer*, edição 1673, que afirma:

Em campanha contra a palmada, psicólogos pretendem tornar a prática ilegal

Esta reportagem vai ao encontro da matéria *Aula de casinha*, edição 1688, preocupada em mostrar que

Escola ensina moças a ser como a vovó. Para casar

Essas duas reportagens, no entanto, não trazem nenhum dado que se considere interessante neste momento da pesquisa. Assim como a matéria *O número 1 dos negócios*, edição 1685:

A escola Wharton desbanca Harvard no ranking dos melhores MBAs do mundo

E ainda a matéria intitulada *Colégios Vazios*, que retrata sobre as escolas católicas que

Têm 200 000 alunos a menos e 130 unidades fechadas nos últimos cinco anos

Depois de feita a análise em algumas sequências discursivas, inseridas nas matérias de educação, no período de governo de Fernando Henrique Cardoso, pode-se perceber como o DJ contribui para o reforço de um sentido. Por meio de paráfrases, ou seja, utilizando-se do “espaço onde enunciados são retomados e reformulados sempre” (MUSSALIM, 2006, p. 119), o efeito de sentido é positivo em relação à educação. No entanto, esse primeiro recorte temporal permite que se faça uma série de pontuações sobre o processo discursivo de *Veja* – o que será evidenciado no próximo capítulo. Agora, busca-se saber o que diz a revista durante o próximo período presidencial recortado.

De 2007 a 2008

No período de presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, apreende-se um sentido mais voltado à negatividade do sistema educacional. Do total de 23 reportagens, quatro delas fazem críticas explícitas ao ensino brasileiro. *O pior da turma*, edição 2004 é um exemplo. Pelas sequências:

Economistas dizem que o Brasil vai mal na educação por um motivo: falta pensar no futuro.

E

Comparado com países ricos tem atraso de 120 anos no que diz respeito à educação.

Pode-se perceber a construção negativa referente à educação nacional. A matéria *Prova do fracasso*, edição 2028, também gera o efeito de sentido negativo sobre o ensino no país, pois mostra que estudantes de Direito

Não sabem a diferença entre uma sentença e um parecer

E ainda ressalta que

37 cursos não conseguiram aprovar nem 10% dos estudantes no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Com essas afirmações categóricas, *Veja* sugere uma direção de leitura. Mariani (1998, p.97) afirma que há uma discursivização do cotidiano no DJ, por isso, apagam-se para o leitor os mecanismos de poder distribuídos nos dizeres, silenciando “localmente, o que não pode e não deve ser dito”. Seguindo este reforço negativo, observa-se a matéria *E a gente ainda goza dos americanos*, edição 2033:

Em matéria de conhecimentos geográficos, os brasileiros são de uma ignorância que não está no mapa.

De acordo com Orlandi (1996, p. 123), o léxico “pode estar marcado por traços ideologicamente interpretáveis”, afirmação que pode ser utilizada no recorte acima, quando se utiliza do substantivo *ignorância* para qualificar o conhecimento dos brasileiros.

A última matéria desta primeira divisão é intitulada: *Acusando, culpando e errando*, edição 2032. O uso do gerúndio é relacionado ao

Hábito nacional de enrolar.

Atenta-se para a desqualificação que o autor faz do brasileiro. Aqui, a crítica não está mais voltada à educação, mas ao sujeito. As duas últimas sequências discursivas geram um desprezo ao ser brasileiro, porque ele é tido como ignorante e depois como enrolador. Nota-se que se constitui um estereótipo do brasileiro por meio do discurso que

Contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente [...]. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. (FIORIN, 2006, p. 55).

Por isso, pode acontecer de o leitor de *Veja* não perceber a maneira da qual é rotulado em seu discurso. Outro dado recorrente neste recorte temporal é a inferiorização do nacional, feita por meio de significações positivas sobre o que é estrangeiro. Na matéria *É bom começar cedo*, edição 2004, vê-se:

Pesquisa mostra que frequentar o jardim-de-infância tem efeito positivo ao longo da vida escolar.

Enquanto retrata a importância de não iniciar a escola muito tarde, a matéria traz diversos argumentos que reforçam o fato de que ir à escola a partir dos 3 anos é positivo. Porém, os itens abordados aqui estão baseados em uma pesquisa patrocinada pelo governo americano com 1.300 crianças. Ou seja, a fonte do estudo não é nacional.

Veja busca mostrar para seus leitores que pesquisas feitas fora do Brasil devem ser aceitas aqui e as traz como referencial de verdade. Hernandez [2002] compara o processo de construção da notícia de *Veja* ao discurso de um padre, que não permite discutir se Deus existe ou não; parte-se de que isso é um fato. De acordo com o autor, a revista não discute o que é verdade, porque ela foi colocada como algo indiscutível. Significando, dessa forma, os seus leitores.

Na matéria *Yes, nós somos bilíngues*, edição 2022, tem-se um exemplo semelhante:

As escolas brasileiras deveriam copiar o que dá certo em países como Canadá e Cingapura

Percebe-se, com esta sequência, mais uma vez, o reforço do não nacional como base e, além disso, o que é de fora é mencionado como exemplo a ser seguido.

Na sequência das análises, têm-se as matérias que trazem características positivas sobre o Brasil. De um total de seis matérias, observa-se como, mesmo trazendo dados positivos sobre o país, os efeitos de sentido podem ser apreendidos negativamente. Na matéria *Luxo zero, ensino nota 10*, edição 2006, retrata-se escolas com poucos recursos econômicos, que se destacaram pelo ensino de qualidade. A relação é a mesma observada na edição 1690, baseada na cristalização entre a má qualidade de ensino e a pobreza. A autora retrata como mérito o fato de as escolas, inseridas neste contexto, preocuparem-se com a leitura:

Um ponto que une as dez melhores escolas públicas do Distrito Federal é o foco que dão à leitura, um hábito raro entre os estudantes brasileiros.

Percebe-se que, depois de mostrar por que os alunos estão indo bem, fica claro que isso não acontece sempre, pois o brasileiro não tem hábito de ler, o que reforça, novamente, o estereótipo do brasileiro e a precária educação nacional. O mesmo acontece com a matéria *Receita Mineira*, edição 2015, quando se destaca o positivo e depois se reforça o negativo:

O bom exemplo de Minas, que emplacou as cinco universidades campeãs no novo *ranking* do MEC.

E

O nível da educação nacional oscila entre o ruim e o péssimo sempre.

Vale observar aqui o uso do advérbio *sempre*. Logo, entende-se que mesmo as escolas campeãs estão dentro desta escala.

Na matéria *A nova cara da ciência*, 2021, revela-se os três cientistas que estão entre os mais influentes do mundo, no que diz respeito a trabalhos científicos.

Na comparação internacional, o Brasil aparece em 37º lugar num *ranking* que mede quanto cada país gasta com pesquisa: apenas 0,8% do PIB, no caso brasileiro.

E destaca características para o sucesso dos profissionais:

Os três têm ainda em comum passagens por universidades estrangeiras, o que lhes proporcionou contato com alguns dos melhores especialistas do mundo em suas respectivas áreas.

Mais uma vez o crédito de bons profissionais não está atribuído à nação de origem dos cientistas, mas ao tempo que se dedicaram ao estudo fora do país. Pode-se dizer que o efeito de sentido é produzido com essa mesma fala que menospreza o nacional. Como afirma Mariani (1999, p. 106), “os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário, eles resultam de um processo de inter-ação texto/ leitor”.

A matéria, inserida na edição 2033, apresenta um título bem sugestivo: *Lição bem feita* e diz:

Um novo *ranking* revela escolas estaduais de ótimo ensino. Elas serão premiadas por isso.

Analisando-se o título e a linha fina, seria possível antecipar que esta matéria abordará aspectos positivos da educação – e isso acontece. Elogiam-se os professores e as escolas, mas o autor dá a seguinte nomenclatura a esses lugares:

Oásis de bom ensino.

O termo oásis remete a: “Lugar ou coisa agradável no meio de outros que não o são.¹²” Pressupõe-se, então, que essas escolas de ótimo ensino são minoria no Brasil.

Na reportagem *Modelo de negócio*, edição 2051, são apresentadas as escolas de Pernambuco que aplicam princípios empresariais na educação. Segundo

¹² Fonte: Dicionário Michaelis on line.

a revista, isso funciona. A matéria mostra que os professores neste tipo de escola são escolhidos e não concursados, como na maioria das instituições. E afirma que eles preparam as aulas.

Prática básica, mas incomum no Brasil.

Além disso, há a constatação de que o profissional que desenvolverá tal feito estudou fora do país. Segundo a matéria:

A cada ano, cerca de 4.000 estudantes brasileiros optam por estabelecer-se no exterior [...] Em geral, os melhores nunca voltam.

Com essa afirmação, percebe-se que os bons profissionais, ou a maioria deles, não volta ao Brasil, deixando seus estudos e créditos vinculados ao exterior.

Tendo como base as matérias que se mostraram positivas sobre o Brasil, pôde-se perceber que os sentidos gerados a partir da construção discursiva revelam mais pontos negativos do que pontos positivos. Procura-se retratar positivamente a educação nacional, mas o que é tido com caráter positivo é sempre exceção.

A FI da revista pode ser evidenciada neste momento; como já se disse, *Veja* está inserida numa ideologia Neoliberal que vai de encontro aos preceitos do PT, partido no qual se insere o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Assim, a revista enquanto instituição comercial e capitalista articula seu discurso de modo a defender os interesses ideológicos. Por isso, até mesmo nas reportagens que poderiam ser positivas, depreende-se um sentido negativo.

Dando continuidade às análises, têm-se as matérias que abordam o uso de tecnologias. *Na língua de “Kmoes”*, da edição 2008, são observadas, mais uma vez, pesquisas internacionais pautando a reportagem:

A linguagem não-linear da internet é, hoje, infinitamente mais sedutora para os estudantes.

A afirmação acima foi feita por um antropólogo da Universidade de Kansas, o que novamente reforça o estrangeiro como superior. Os jornalistas de *Veja* se utilizam de pesquisadores de outros países para trazer afirmações para os leitores brasileiros. Nota-se como a pesquisa de Coracini (2007), apontada na introdução

desta dissertação é assertiva, no sentido de notar como a revista *Veja* ressignifica o imaginário social, reafirmando a pejoratividade de tudo o que é nacional.

Na matéria seguinte, *Desconectados*, edição 2020, pode-se perceber uma crítica aos professores brasileiros:

Sem supervisão, computadores nas escolas brasileiras mais distraem do que ensinam.

A matéria aponta que os principais responsáveis por isso são os professores, que

Mal sabem ligar os computadores.

Assim, a revista reforça o seu posicionamento crítico em relação, também, aos professores.

Ainda tratando sobre o uso da tecnologia, tem-se a matéria: *O computador não educa, ensina*, edição 2008. Nesta matéria, aborda-se um programa do governo federal que tem como objetivo presentear, com um computador portátil, cada uma das 30 milhões de crianças da rede pública. O sistema, que já é implantado em outros países com sucesso, deve merecer mais cuidado no Brasil porque existe

Falta de segurança oferecida aos computadores pelas escolas públicas, alvos frequentes de roubos e assaltos.

Então, o que já deu certo em outras localidades (mais uma vez reforça-se a ideia de cópia), talvez aqui não funcione, porque as escolas não possuem segurança suficiente. Ainda sobre a implantação do programa, tem-se outro problema no país: a falta de conhecimento dos professores.

A principal causa do fracasso de tais programas é a falta de preparo dos professores

Para *Veja*, nós, professores, somos péssimos. A revista reafirma essa construção no seu discurso. Para dar continuidade, observa-se a matéria *O héroi da USP*, edição 2011. Esta matéria se ocupa em retratar o professor Abdala, digno de admiração para *Veja*. Esse professor, que é contra greve, quase foi linchado, no Brasil, por dar aulas nesse período, já

Na Europa, Estados Unidos e China recebe tratamento cinco estrelas.

Observa-se, segundo a revista, que o brasileiro também não sabe dar valor aos bons profissionais que tem. O professor Abdala - o herói da USP - é tido como um excelente profissional, mas o que será que ele tem de diferente dos demais para ser personagem da matéria em questão? Além de um bom currículo

Também chama atenção pelo excesso de método. Suas aulas são milimetricamente planejadas - hábito que cultivou nas várias passagens como professor no exterior.

Ou seja, o professor é ótimo e as aulas são bem planejadas porque aprendeu a ter essa postura fora do Brasil. Observa-se que, por meio do efeito de sentido de *Veja*, o internacional é sempre melhor. Até os melhores professores são dignos dessa posição porque aprenderam isso no exterior.

Para sustentar as críticas feitas até o momento sobre os professores, a matéria *Sumidos da sala de aula*, edição 2039 mostra:

A história dos professores campeões em faltas chama atenção para uma lei benevolente - e prejudicial ao ensino.

Têm-se aqui duas condenações: aos professores que faltam muito às aulas, e ao governo que paga os professores, mesmo que estes estejam fora da sala de aula. Novamente, atribui-se uma carga negativa ao professor brasileiro. Tomando-se em consideração o discurso, como diz Orlandi (1997, p. 157), “aquele em que considera que a relação estabelecida entre os interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação de que se diz”, percebe-se que para *Veja* o professor brasileiro não possui crédito. A revista reforça o sentido que constrói sobre o professor brasileiro: um profissional despreparado que contribui para os baixos índices que a educação nacional apresenta.

Na sequência, são evidenciadas as matérias que mostram, explicitamente, o posicionamento ideológico da revista. A reportagem *Ensino que é bom*, edição 2012, diz:

Mãe ganha na justiça o direito de protestar contra o colégio da filha. Na cartilha sobra ideologia e falta conteúdo

Este texto traz a história de uma mãe que processou o colégio particular COC pelo pretexto de seu material pedagógico. De acordo com ela, as informações eram preocupantes. A jornalista, tendo como base o material em questão, faz a seguinte afirmação:

Apostilas e livros didáticos adotados pelas escolas brasileiras estão contaminados pela doutrinação política esquerdizante.

Não se pode deixar de observar de onde parte essa afirmação. Fala-se de uma funcionária da revista *Veja*, conseqüentemente, empregada do grupo Abril, grupo que, entre outras publicações, dedica-se a elaborar livros didáticos. Deve-se observar, então, a formação ideológica aqui exposta. Como afirma Orlandi (2005, p. 16), a AD reflete “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”. Logo, é possível notar que a expressão “esquerdizar”, para a revista, tem sempre uma conotação negativa e que

as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos, que não sabemos como se constituíram e que, no entanto significam em nós para nós. (ORLANDI, 2005, p. 20)

A matéria *Graças a Deus – e não a Darwin*, edição 2027, retrata as escolas adventistas e afirma:

Os professores reconhecidos pelo mérito recebem bônus no salário. Ainda é raro no Brasil professor receber mérito pelo seu bom desempenho.

Ou seja, o bom professor no Brasil não é digno de destaque. Ou, por outro lado, o país não sabe valorizar os bons professores.

Na sequência, registra-se uma matéria que mostra os indicadores de educação nacional. Em *Educar é medir, ter metas e cobrar*, edição 2014, fala-se sobre o Ideb – Índice de desenvolvimento da educação básica –, o novo indicador da educação nacional. Essa reportagem elogia o novo parâmetro para avaliar o rendimento escolar, mas faz algumas afirmações que seguem a FI da revista, como:

O Ideb mostra que elas (as escolas) ainda estão a anos-luz da excelência; Sim: apenas 0,3% das escolas brasileiras oferta ensino de qualidade comparável ao que predomina nas salas de aula dos países mais ricos.

Aqui, já não surpreende ver, novamente, a repetição de que o importado é superior. Porém, para o leitor que lê as matérias separadamente, isso não é possível porque

Do ponto de vista da Análise do Discurso, a mera repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando digo a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez. (ORLANDI, 1981, p.14)

Logo, o leitor vai sendo significado por esses efeitos gradativamente e tornando-os óbvios e incontestáveis. Para finalizar, têm-se três matérias que falam sobre outros países. *Vá à escola, ganhe este celular*, edição 2053, retrata a premiação para bons alunos e faz a comparação desse incentivo ao programa Bolsa Família, iniciado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. De acordo com *Veja*, o auxílio do governo é um recebimento descomprometido com o estudo. A próxima matéria fala sobre *A melhor escola do mundo*, edição 2048. Aqui são apresentadas características positivas das escolas finlandesas, porém, quando existe o esquema de comparações, o quadro de características se amplia para a política e também para a cultura. Fala-se que a Finlândia é o país menos corrupto e que lá todos os empregados precisam ter acesso à educação mínima. Essa constatação pode ser comprovada com a seguinte sequência discursiva:

O sucesso da educação finlandesa é, em parte, fruto das características únicas do país.

Pode-se pressupor que os aspectos educacionais estão calcados em outros, como a cultura. E, mais uma vez, o nacional não pode reproduzir essas características, pois são exclusivamente finlandesas.

A última matéria em questão é a *Cultura do sucesso*, edição 2009, que afirma:

Pesquisa mostra que jovens de origem asiática vão mais longe nos estudos e estão deixando os brasileiros para trás.

Novamente, a construção discursiva de *Veja* reforça a inferioridade do brasileiro. Assim, reconhecendo que o dizer sustenta a memória discursiva e que o DJ atua na cristalização de sentidos, pode-se notar como a construção da notícia gera efeitos de sentido negativos em relação à educação nacional, durante o governo petista.

A escuta discursiva, sob a forma de um gesto de interpretação do analista, vai consistir em trabalhar, a partir das lentes de seu dispositivo teórico-analítico, a opacidade desses textos e hipertextos que circulam por mídias mais diversas, desnaturalizando o que parece natural, pondo em questão o que se apresenta como evidente e trazendo à presença o que se mostra ausente

Maria Cristina Leandro Ferreira

6 DIFERENTES PARÁFRASES E O REFORÇO DO MESMO

Ao analisar algumas sequências discursivas¹³, retiradas das matérias de educação da revista *Veja*, foi possível observar dois efeitos de sentido. O primeiro, do período de governo de Fernando Henrique Cardoso, é positivo, vê-se como “otimismo em relação à educação nacional”; o segundo, no entanto, é negativo, reforçando a ideia de que “a educação brasileira vai mal”, inserida no período de governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Pode-se perceber que, por meio de paráfrases, construíram-se diferentes discursos. O que é válido, deste montante de sequências é pensar sobre a construção do DJ e entender não o que a revista quis dizer, mas averiguar qual foi a forma que moldou essa escritura para que diferentes efeitos de sentidos fossem evidenciados.

Na presente pesquisa, dois pontos mostram-se relevantes: um deles é entender a diferença de efeitos de sentidos entre os períodos selecionados, enquanto o outro é mostrar se *Veja* reafirma o imaginário coletivo de negatividade em relação à educação brasileira.

Do primeiro período analisado, pôde-se perceber a paráfrase constante positiva sobre a educação. Aqui, exaltou-se a abertura de novos cursos superiores, o comprometimento das pessoas com a educação e, ainda, destacou-se a importância do ensino na vida do sujeito, que foi marcado como o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso. As doze reportagens, inseridas nesse período, geraram efeitos de sentido otimista em relação à educação nacional. A educação estrangeira, por sua vez, foi, sempre, significada como superior. Professores merecedores de destaque, de acordo com *Veja*, possuem experiências adquiridas em outros países, e, por esse motivo, são protagonistas de matérias.

Ao contrário do que aconteceu no período oposto, de 2007 a 2008, pôde-se observar, em todas as 23 reportagens, inseridas na temática de educação, efeitos

¹³ Utilizou-se de uma a três sequências discursivas de cada matéria, que compreende o Anexo deste trabalho, por se considerar que se fala em um discurso parafrástico, ou seja, não se tem o interesse na quantidade de sequências analisadas, mas tomam-se as selecionadas como forma de retratar um todo.

de sentidos negativos. Por meio das análises, foi possível perceber uma série de asserções parafrásticas, em especial referentes ao professor, que se constitui como: mal preparado, preguiçoso, sem comprometimento com o seu dever, uma vez que não se preocupa em preparar aulas. Os bons profissionais são aqueles que estudaram fora do país e, por esse motivo, são considerados melhores.

O aluno brasileiro, por sua vez, também é caracterizado como inferior, quando comparado a alunos estrangeiros ou quando observado o seu desempenho em testes, como o exame da OAB, o Provão do MEC e medidores afins. A educação no exterior é, também, tida como superior. A melhor escola do mundo está na Finlândia; os alunos que se saem melhor em competições são os asiáticos. Enfim, observa-se uma série de enunciados que contribuem para o reforço da inferioridade educacional brasileira.

Nota-se que a FD da revista comprova como a ideologia adquire materialidade no discurso, por isso, por meio das paráfrases, construídas discursivamente, registrou-se o posicionamento de *Veja*, em relação aos partidos políticos e também em relação à educação no Brasil.

A minha posição, como analista, não pode ser, portanto, a de concordar ou não com o que é dito nesse meio de comunicação, mas a de observar como os sentidos são construídos e de que maneira se materializam.

Alexandre S. F. Soares

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos pressupostos teóricos da AD francesa e entendendo a língua enquanto possibilidades de discurso, foi possível analisar a construção discursiva da revista *Veja*, nas matérias de educação, e referenciar como os sentidos podem ser construídos pelos meios de comunicação.

A revista gerou, durante o período de análise, dois efeitos distintos: no primeiro momento, deparou-se com uma positividade em relação às matérias de educação, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. No período de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, as afirmações negativas, em relação à educação nacional, foram presentes em todo o momento, buscando retratar de forma pejorativa todas as ações de responsabilidade do governo petista, mesmo quando poderia parecer que a educação brasileira tinha alguma característica positiva para ser exaltada.

De referência a isso, cabe dizer que *Veja*, enquanto instituição comercial e capitalista articula seu discurso de modo a defender os interesses do grupo social a que representa, ou seja, a elite brasileira. Busca, ainda, causar um efeito de verdade à tese que defende, recorrendo para isso a asserções e paráfrases, que estão a todo o momento ressignificando sua posição.

Nota-se que o intuito das matérias era falar sobre educação, ensino, professores, alunos e temas afins, porém foi possível resgatar a ideologia da revista a todo o momento. Quando se fala em PSDB, partido relacionado à direita política, a FD da revista evidencia o que pode ser dito, criando, assim, uma aura de otimismo em relação ao sistema educacional brasileiro. A revista, em determinado momento, tira a responsabilidade do governo diante de fracassos existentes e passa a responsabilizar o sujeito brasileiro.

No segundo recorte efetuado neste trabalho, fala-se em PT, partido ligado à esquerda política, e pode-se observar, em todas as matérias, a negatividade em relação ao governo. Inserida na FD da revista, a matéria de educação passa a dizer só aquilo que a ela é permitido. Como ressalta Mariani (1998, p. 44), “através da reatualização ou apagamento de determinados acontecimentos, movimento histórico

[...], vai sendo tecida direção dos sentidos políticos”. Por isso, nota-se que o efeito de sentido veiculado é que o Brasil é inferior no quesito educação por ser comandado por um representante do Partido dos Trabalhadores.

Assim, a revista *Veja* inserida numa formação ideológica Neoliberal, que defende interesses capitalistas, preocupa-se em manter sua posição política como ideal, veiculando informações tidas como verdadeiras dentro de sua formação discursiva. E, desse modo, todas as reportagens ali inseridas, incluindo as de educação, estarão reproduzindo o seu dizer. Porque se de 1964 a 1985 as notícias chegavam de maneira lenta e quase proibida aos brasileiros por estarem inseridos no período de ditadura militar, hoje os produtos midiáticos não têm um departamento que controle as produções, em contrapartida há, sim, um mentor que rege todas as veiculações: o interesse econômico e político.

Veja além de gerar dois efeitos de sentido distintos durante os recortes estabelecidos, ainda atuou no reforço da negatividade do cenário nacional indistintamente. O Brasil, de uma forma geral, sempre foi tido nas matérias como inferior, quando comparado a outros países. Logo, pode-se afirmar que a instituição *Veja* atua na cristalização de sentidos e no reforço do imaginário de seus leitores. Seguindo Soares (2007), ressalta-se que a ideia não é defender que os sujeitos ficarão marcados, como uma impressão digital, pelo discurso da revista. Mas que essas construções discursivas internalizadas, como afirma Coracini (2007), permitem identificações, mesmo que imperceptíveis, mas real no inconsciente, deixando viva a memória discursiva e, por isso, atuando na memória do passado e na construção da memória do futuro.

O semanário afirma, de forma geral, através de paráfrases, que o ensino brasileiro vai mal e que o cidadão não é comprometido com a educação. Porém, o mesmo pode ser dito sobre a revista se levarmos em consideração a importância que despende à temática educacional. Usaram-se, nesta dissertação, 35 edições da revista, compreendendo dois anos de publicação, ou seja, um total de 103 edições. Observa-se que em dois anos a revista *Veja* trouxe em 35% de seus exemplares o tema educação. Se a revista *Veja* afirma que a educação é tão importante, por que ela mesma não dispõe mais páginas e ainda mais edições que abordem este tema?

Deve-se ressaltar que este trabalho não se apresenta como defensor de partido de direita ou de esquerda, mas objetiva comprovar que a comunicação deve ser entendida, como diz a teoria da Análise do Discurso, como efeito de sentidos. Deve-se pensar também no discurso jornalístico como uma das principais instituições responsáveis pela propagação de modelos de verdade que pode influenciar na hegemonização de sentidos, nas tomadas de posição política e, assim, na cristalização e na permanência de determinados sentidos. Por isso, o discurso jornalístico deve ser analisado, como afirma Mariani (1999, p.120), “como discurso da verdade, ligado a instâncias de poder”.

A mídia, exercendo o papel de tornar o mundo compreensível para o leitor, baseia-se na linguagem enquanto instrumento de comunicação, deixando de lado a historicidade e o ideológico. Parte de uma visão de transparência da linguagem para agendar campos de assunto e organizar direções de leitura. Por isso, justifica-se um trabalho que não esteja baseado na linguagem enquanto instrumento de comunicação, mas se interesse pelo discurso e compreenda a relação dos sujeitos, do histórico e do ideológico como constitutivos do processo discursivo dos meios de comunicação. Ou seja, uma pesquisa que não se ocupe em concordar ou discordar da FD da revista, mas se preocupe em investigar os sentidos e compreender como eles funcionam. Exatamente como se buscou fazer nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado* (AIE). 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CATTELAN, João Carlos. *Colcha de retalhos: micro-história e subjetividade*. Cascavel: Edunioeste, 2008.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (maternas e estrangeiras), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do Discurso Político: Derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Claraluz, 2006.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Nº 27, p. 39-46, junho/dezembro 2003.

_____. *Linguagem, Ideologia e Psicanálise*. In: Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, nº1, p. 69-75, junho/2005.

_____. *Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade*. In: Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 135–143, jul./dez. 2008

_____. *A Ciranda dos Sentidos*. In: Romão, Lucília Marina Sousa & Gaspar, Nádea Regina (orgs). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

FINK, Bruce. *O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta p. de Castro; com posfácio de Oswald Ducrot. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. *Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969)*. Tradução de Bethania Mariani. In: GADET, Françoise. HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIMA, Wendel Thomaz. *O sagrado em pauta: uma análise da abordagem da revista Veja sobre o fenômeno religioso*. VI jornada bíblico-teológica. Ano 2. Número 2, 2006. Disponível em: <www.unasp.edu.br/kerygma/jb2006_wendel.doc.pdf> Acesso em: 29 jul. 2008.

LOPES, Luís Carlos. *O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos*. São Carlos: EduFSCAR, 2004.

MAIA, Maria Claudia. *O lapso de escrita como refúgio do sujeito*. In: MARIANI, Bethania (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. *Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico - A revolução de 30*. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, M.C.L. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzatto, 1999.

_____. *Subjetividade e imaginário linguístico*. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003.

_____. *Sentidos de Subjetividade: imprensa e psicanálise*. In: *Polifonia*, Cuiabá. edufmt v. 12, n. 1, p. 21-45. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/131.pdf>>, 2006. Acesso em 25 de outubro de 2010.

_____. *Uma análise do discurso desejanter*. In: Navarro, Pedro. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, v. 01, p. 43-57, 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. 3. Ed. São Paulo: Cultura, 1964.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. *Discurso cronístico: uma falha no ritual jornalístico*. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 5, n.1, p. 93-118, jul./dez. 2004. Disponível em: <www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/7%20art%205.pdf>. Acesso em 04 de setembro de 2010.

_____, Vanise Gomes de. *Vozes brasileiras e vozes estrangeiras nas crônicas cariocas do período JK*. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina

(Orgs). *Discurso midiático: sentidos e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

MORAES, Reginaldo. *Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?* São Paulo: SENAC Editora, 2001. Disponível em: <<http://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=zmlTeR3osvsC&oi=fnd&pg=PA7&dq=neoliberalismo&ots=3sn8Jizxw&sig=jgAmU5NsiLNw-Qsi-5yGE3sRiAs#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 8 de outubro de 2010.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni P; POSSENTI, Sirio; GERALDI, João Wanderley; GUIMARÃES, Eduardo J; DURIGAN, Jesus Antonio. *Sobre a estruturação do discurso*. Campinas: Unicamp, 1981.

_____. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ORSATTO, Franciele Luzia de Oliveira. *Da aparência de crítica ao silenciamento: Veja e o discurso sobre o fracasso educacional*. 2009. 163 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise. HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *Estrutura ou Acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso*. Tradução: Anan Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário. In: Cadernos de Tradução. n. 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

PERUCCHI, Juliana. *Uma contextualização histórica das diferentes perspectivas da Análise do Discurso*: configurações teórico-metodológicas pertinentes à Psicologia Social. Mnemosine, Vol. 4, Nº 2, 2008. n.p.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*: introdução à análise de discursos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REVISTA *PLUG*: 40 anos de história. De como Veja se transformou na quarta maior revista semanal de informação no mundo. 13. ed. 2008. Disponível em: <<http://cursoabril.abril.com.br/edicoes/2008/pdf/especial-veja40anos.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2008.

REVISTA VEJA. 2000. Edição 1643, 05/04/2000. Disponível em:<<http://veja.abril.com.br/050400/p075.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2000. Edição 1648, 10/05/2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100500/p_090.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2000. Edição 1651, 31/05/2000. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/310500 /p_094.html](http://veja.abril.com.br/310500/p_094.html)>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2000. Edição 1699, 04/10/2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/041000/p_112.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2000. Edição 1673, 01/11/2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011100/p_094.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2000. Edição 1680, 20/12/2000. Disponível em: <http:// veja.abril.com.br/201200 p_098.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1682, 10/02/2001. Disponível em: <http:// veja.abril.com.br/100101/p_074.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1685, 31/01/2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/310101/p_070.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1687, 14/02/2001. Disponível em: <http:// veja.abril.com.br/140201/p_068.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1688, 21/02/2001. Disponível em: <http:// veja.abril.com.br/210201/p_073.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1690, 07/03/2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070301/p_063.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2001. Edição 1692, 21/03/2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210301/p_106.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2007. Edição 2004, 18/04/2007. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/180407sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/180407sumario.shtml)>. Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

_____. 2007. Edição 2006, 02/05/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/020507/sumario.shtml>>. Acesso em: 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2008, 16/05/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/160507/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2009, 20/05/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/230507/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2011, 06/06/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/060607/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2012, 13/06/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idad/exclusivo/130607/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2014, 27/06/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/270607/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2015. 04/07/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/040707/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2020. 08/08/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/080807/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2021, 15/08/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/150807/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2022, 22/08/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/220807/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2027, 12/09/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/120907/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2028, 03/10/2007. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/031007/sumario.shtml>>. Acesso em 15 de maio 2008.

_____. 2007. Edição 2032, 31/10/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/311007/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2007. Edição 2033, 07/11/2007. Disponível em: <<http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/071107/sumario.shtml>>. Acesso em 21 de maio 2008.

_____. 2007. Edição 2037, 05/12/2007. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051207/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051207/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio 2008.

_____. 2007. Edição 2039, 19/12/2007. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/191207/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/191207/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio 2008.

_____. 2008. Edição 2048, 20/02/2008. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200208/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200208/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio 2008.

_____. 2008. Edição 2049, 27/02/2008.. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/270208/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/270208/sumario.shtml)>. Acesso em 15 de julho 2008.

_____. 2008. Edição 2051,12/03/2008. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/120308/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/120308/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2008. Edição 2053,26/03/2008. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/260308/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/260308/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2008. Edição 2054, 02/04/2008. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/020408/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/020408/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio de 2008.

_____. 2008. Edição 2074, 20/08/2008. Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200808/sumario.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200808/sumario.shtml)>. Acesso em 21 de maio de 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa e FERRAREZI, Ludmila. O Sujeito e a Tessitura dos sentidos no Discurso Jornalístico. In: ROMÃO, Lucília Marina Sousa; GASPARG, Nádea Regina (Orgs). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação).

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira; SILVA, Francisco Paulo da. Análise de Discurso Político e a Política da Análise do Discurso. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, nº 1, p. 83-90, junho/2005. Disponível em: <www.estudosdalinguagem.org/revistas/01/silva-sargentini%5B1%5D.pdf> Acesso em: Acesso em 24 de outubro de 2010.

_____. *A Noção de Formação Discursiva: uma relação estreita com o corpus em Análise de Discurso*. Porto Alegre: UFRGS/II SEAD. CD-ROM, 31/10 a 04/11/2005

SILVA, Carla Luciana. *VEJA: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel: Edunioeste, 2009.

_____. *Veja: o Indispensável Partido Neoliberal*. In: *Revista Fórum*. Edição 61. 2008. Disponível em: <[www.revistaforum.com.br/sitefinal /EdicaoNoticialIntegra.asp?id_artigo=2583](http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticialIntegra.asp?id_artigo=2583)>. Acesso em 3 set. 2008.

SILVA, Renata. Linguagem e Ideologia: embates teóricos. *Linguagem em (Dis)curso* – *LemD*, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090107.pdf>> Acesso em 10 de novembro de 2010.

SOARES, Alexandre e SILVA, Carla Luciana. Chávez, a Venezuela e a Esquerda: o atraso da América Latina- O Discurso jornalístico e a construção de um continente. In: ROMÃO, Lucília Marina Sousa; GASPARG, Nádea Regina (Orgs). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

_____. Alexandre Sebastião Ferrari. O discurso jornalístico e seus rituais. *Revista ECO-PÓS* - v.10, n.2, julho-dezembro 2007, pp.181-196.

THOMPSON, John. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ANEXOS

Aqui se fez o recorte de uma série de sequências discursivas, inseridas nas matérias temáticas de educação do período de 05 de abril de 2000 a 21 de março de 2001 e de 04 de abril de 2007 a 02 de abril de 2008. Registra-se um total de 35 edições de *Veja*. Nas tabelas, inseridas no anexo, pode-se observar a data da publicação, o número da edição da revista, o título da matéria, a linha fina e algumas sequências discursivas sobre o que a reportagem retratava em relação à educação nacional e também sobre o exterior. Registra-se que não foram utilizadas todas as SD's inseridas aqui. Utilizou-se um número menor de sequências como forma de analisar o processo discursivo de *Veja*, por meio de discursos parafrásticos.

O Anexo está assim dividido: primeiro tem-se a tabela que retrata o período de governo de Fernando Henrique Cardoso, da página 72 a 83. Já, da página 84 a 106, encontra-se a tabela correspondente ao período de governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Usou-se a página na orientação de paisagem e demais recursos gráficos, como forma de facilitar a leitura das tabelas.

Data	Matéria/ Linha fina	Sobre o Brasil	Sobre outro país
<p>05/04/2000</p> <p>Edição 1643</p> <p>1</p>	<p>Vaga para todos</p> <p>Maior oferta de empregos faz crescer procura pelos cursos que formam professores</p>	<p>Se o ensino médio, o antigo colegial, continuar crescendo os mesmos 11% dos últimos cinco anos, será preciso contratar outros 150.000 professores e abrir 70.000 novas salas de aula na primeira metade desta década.</p> <p>A procura pelo magistério não é percebida apenas entre os vestibulandos. Com tantas vagas disponíveis, o ensino médio se tornou uma boa oportunidade de renda complementar para engenheiros, economistas, médicos e arquitetos. Ou mesmo uma nova carreira.</p> <p>Algumas características tornam atraente essa carreira, além da fartura de vagas. Uma delas é a estabilidade no emprego se o professor for contratado como funcionário público. Outra é uma jornada de trabalho menor que a da maioria das profissões. Os salários não são altos, mas estão longe de desprezíveis. Um professor da rede pública paulista recebe 1.250 reais por 24 horas semanais. É mais que o dobro do salário de um bancário em início de carreira.</p> <p>A expansão do sistema educacional do país está ocorrendo sobretudo na rede pública. Nas escolas da rede particular, que pagam salários melhores, o número de vagas disponíveis é bem menor.</p> <p>O magistério brasileiro está passando por grandes transformações. Há quatro anos, o Ministério da Educação determinou que o colegial não é suficiente para qualificar um professor. É preciso passar pela universidade. Isso significa que 850.000 professores do ensino fundamental e médio serão obrigados a apresentar diplomas universitários até 2007. Apenas seis de cada dez professores brasileiros freqüentaram a faculdade. Mais de 80.000 deles só estudaram até a 8ª série, o antigo curso ginásial. Desses, 32.000, que trabalham sobretudo em escolas rurais do Norte e do Nordeste, nem sequer concluíram o ensino fundamental.</p>	
<p>10/05/2000</p> <p>Edição 1648</p>	<p>O nível melhorou</p> <p>A PM mineira ficou menos violenta depois que</p>	<p>Os últimos indicadores de desempenho da Polícia Militar de Minas Gerais mostram que o poder oriundo da sala de aula interfere até mesmo na segurança pública.</p>	

2	investiu não em armas, mas no ensino da tropa	<p>O Estado apresenta hoje um dos menores índices de homicídios do país. São oito assassinatos por grupo de 100.000 habitantes. Isso equivale a um terço da média nacional. Em São Paulo, esse índice é 36 e no Rio de Janeiro, o maior das grandes capitais, chega a 59.</p> <p>Os estudiosos do assunto informam que o segredo de Minas está ligado a duas iniciativas no universo da educação. A primeira foi obrigar os oficiais a fazer cursos de pós-graduação. A segunda consistiu em incentivar soldados a tirar um diploma de curso superior.</p> <p>A polícia de Minas sugere que o melhor equipamento a serviço da lei é o cérebro de seus homens. Com boa formação, os policiais não ficam apenas correndo atrás de bandidos, mas conseguem analisar informações úteis para evitar o crime.</p>	
31/05/2000 Edição 1651 3	<p>Canudo esquisito/</p> <p>Universidades ampliam oportunidades com cursos pouco ortodoxos, como pilotagem</p>	<p>Flávia integra a primeira classe de trinta alunos do curso pioneiro de graduação em quiropraxia, aberto neste ano pela Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Essa é uma das dezenas de novas carreiras universitárias que começaram a ser oferecidas desde 1996, quando o governo federal deu maior autonomia às escolas de ensino superior para a criação de cursos acadêmicos.</p> <p>Apenas nos dois primeiros anos, as quase 900 instituições brasileiras criaram 39 cursos pioneiros.</p> <p>A abundância de oferta surpreende, porque os brasileiros estão habituados a ver a faculdade, sobretudo, como a porta de acesso a profissões regulamentadas por lei. Os novos cursos preparam para atividades que podem ser exercidas sem a obrigatoriedade de formação superior, como corretagem de imóveis e acupuntura.</p> <p>Como ocorre com a pilotagem, a maioria das novidades</p>	<p>"Estamos seguindo os mesmos passos de países como os Estados Unidos, onde há profissões que ninguém imagina", afirma Eduardo Najjar, diretor da Associação Brasileira de Recursos Humanos. "Lá, é possível encontrar curso superior até para artista plástico especializado em madeiras."</p> <p>Cursos de interesses específicos são realmente comuns nos Estados Unidos. A diferença é que os estudantes americanos só escolhem a carreira depois de frequentar de dois a quatro anos de um curso básico, de formação generalista.</p>

		<p>universitárias foi criada em sintonia com a demanda do mercado de trabalho, cada vez mais exigente em relação à qualidade da mão-de-obra.</p> <p>Os brasileiros precisam escolher o ramo especializado já no momento do vestibular. O risco é a opção por uma área de limites tão estreitos que já esteja obsoleta na hora do diploma.</p>	
<p>04/10/2000</p> <p>Edição 1699</p> <p>4</p>	<p>Colégios vazios As escolas católicas têm 200 000 alunos a menos e 130 unidades fechadas nos últimos cinco anos</p>	<p>As escolas mantidas pela Igreja Católica estão mergulhadas em sua maior crise. Um estudo recém-concluído pela Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas (Anamec) revela que essas tradicionais instituições de ensino de 1º e 2º graus perderam 20% de seus alunos nos últimos cinco anos. São 200.000 que foram para outras instituições particulares ou públicas, o que representou o fechamento de 130 estabelecimentos dirigidos por padres e freiras em todo o país.</p> <p>O total de instituições particulares não-católicas, por outro lado, aumentou de 15.000 para 24.000 unidades.</p> <p>Em parte, até por se preocupar com essa "formação integral", parcela considerável das escolas católicas não deixou que as mudanças sociais ultrapassassem os limites de seus muros, conservando-se como bastiões de um ensino com base religiosa pelo qual poucos pais ainda se interessam.</p> <p>Num período de dez anos, o Marista perdeu metade daqueles 2.000 alunos e já não tem mais estudantes da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.</p> <p>O ensino católico chegou ao Brasil na infância do país, junto com os bandeirantes e o padre Manoel da Nóbrega.</p>	<p>Curiosamente, uma estratégia de sobrevivência educacional parecida com a do Colégio de São Bento faz sucesso em Chicago, nos Estados Unidos. Lá as escolas católicas cresceram cerca de 25% nos últimos anos baseadas numa formação conservadora, em contraposição a um universo de gangues e violência juvenil encontrado nas ruas.</p>

		<p>Em 1928, 80% dos estudantes dos cursos equivalentes ao antigo 2º grau estavam nas escolas católicas – uma relação hoje completamente invertida, com 90% dos estudantes matriculados na rede pública.</p> <p>Há quem considere também que a própria natureza dessas escolas, vinculadas aos dogmas da Igreja, acaba influenciando negativamente o ensino, e isso gera um paradoxo.</p> <p>Em termos de marketing, o velho Colégio de São Bento, do Rio de Janeiro, do alto de seus 142 anos, dá lições tão conservadoras quanto as que ainda se ministram em suas salas de aula. A propaganda funda-se exclusivamente em sua tradição de educar rigidamente e preparar os alunos para qualquer exame. Há oito anos a escola é a primeira da lista de aprovações no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – sem cursinho.</p> <p>Os monges beneditinos responsáveis pela instituição, às portas do terceiro milênio, ainda não aceitam meninas como estudantes, proíbem que se masque chiclete dentro da escola e vedam cabelos longos, brincos ou bonés entre os alunos.</p>	
01/11/2000 Edição 1673 5	<p>Essa é de doer</p> <p>Em campanha contra a palmada, psicólogos pretendem tornar a prática ilegal</p>	<p>O Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo lançou recentemente uma campanha intitulada "A palmada deseduca".</p> <p>Sim, acredite: querem introduzir no país uma legislação contra pais e mães que dão tapas e petelecos em criancinhas mal-educadas e teimosas.</p> <p>Não é com uma lei tão esdrúxula quanto uma rena da Lapônia que se vai coibir a aplicação de castigos físicos no peste do Tiaguinho ou na danada da Julinha. O recurso da palmada só será abolido da pedagogia à la brasileira por meio de esclarecimentos contínuos dos educadores e psicólogos.</p>	Os modelos são países como Finlândia e Suécia, onde a palmada é punida com a realização de trabalhos comunitários por parte de quem a deu

		O castigo que educa precisa ser lógico e devidamente explicado.	
20/12/2000 Edição 1680 6	Recorde histórico Proliferam as novas faculdades e o número de universitários nunca foi tão grande	<p>Com um ritmo aceleradíssimo de fundação de faculdades, o Brasil vai fechar 2000 com 1.099 escolas privadas de ensino superior, com um total de 1,6 milhão de alunos matriculados, segundo aponta o mais recente balanço do Ministério da Educação.</p> <p>Isso significa que o batalhão de estudantes em escolas superiores, considerando-se apenas as instituições privadas, é hoje 41% maior que há três anos – o salto mais expressivo já registrado na história do país. A explosão de faculdades conta com o apoio e a simpatia do ministro da Educação, Paulo Renato Souza. A meta é fazer com que, até 2008, pule de 14% para 30% o contingente de brasileiros com diploma superior.</p> <p>Cresceu muito o número de alunos que concluem o ensino médio, e as universidades públicas não dão conta de absorvê-los. De 1995 para cá, o total de graduados dobrou. Hoje, quase 2 milhões de alunos estão aptos a ingressar num curso superior. Além disso, os brasileiros estão mais conscientes de que estudar mais traz vantagens.</p> <p>o Ministério da Educação resolveu facilitar a abertura de novos cursos. Quatro anos atrás, por exemplo, quem estivesse interessado em colocar dinheiro numa universidade tinha de provar que sua intenção não era obter lucro com o investimento. Com a nova política, eliminou-se o entrave burocrático – e hipócrita – que afastara muitos empresários com dinheiro na mão.</p> <p>"Chuchus podres" – O problema é a qualidade do ensino que as novas faculdades proporcionam.</p>	Ainda será um número baixo se comparado ao dos Estados Unidos (80%), ao da Inglaterra (48%) ou ao da Argentina (39%), mas reduzirá o vexame atual dos 14%.

		<p>O Ministério da Educação está atento para a questão da qualidade. O Provão, o teste aplicado no final do curso para medir o nível de aprendizagem dos alunos, é um deles.</p> <p>"Em médio prazo, os chuchus podres não conseguirão sobreviver à competição do mercado."</p>	
<p>10/01/2001</p> <p>Edição 1682</p> <p>7</p>	<p>Doutor metalúrgico</p> <p>Quem prospera nas montadoras brasileiras são operários políglotas, com diploma universitário e estágios no exterior</p>	<p>O electricista do passado agora é o engenheiro eletrônico. O mecânico é chamado atualmente de "coordenador de processos tecnológicos". E é isso mesmo que ele faz. Algo complexo e de alta responsabilidade. O ex-técnico tornou-se um tecnólogo, formado em curso superior com três anos de duração. Poucos são apenas "peões" ou "orelhas secas", como se chamavam popularmente os operários de chão de fábrica. Os funcionários das montadoras de veículos passaram a ostentar títulos, como controlador de tecnologia avançada e condutor de processos automáticos. Mas não foram apenas os títulos que se tornaram mais sonoros. Mudaram também os homens. Há um novo metalúrgico.</p> <p>O que vem ocorrendo nas montadoras é um sintoma do que está acontecendo no país, e em todo o mundo, na área da produção e do trabalho. Com a abertura dos mercados e a exigência cada vez maior de eficiência, empresas e trabalhadores são, atualmente, muito diferentes do que eram pouco tempo atrás.</p> <p>Nesse processo, a educação tornou-se uma arma fundamental. Não a educação fornecida pelo Estado, a alfabetização ou o ensino básico. E sim a formação profissional especializada, que é obtida por iniciativa dos trabalhadores ou pelo esforço das empresas em conseguir mão-de-obra de gabarito internacional.</p> <p>A GM investiu no ano passado 9,5 milhões de dólares em cursos para seus funcionários. É um valor dez maior que o que se costuma</p>	

		<p>gastar com educação interna.</p> <p>Mais significativa, talvez, que o total dos investimentos feitos é sua qualidade. A empresa gastou esse dinheirão em aulas de informática, matemática financeira, estratégias de negociação e trabalho em grupo. A empresa oferece cursos de inglês, alemão e espanhol.</p> <p>Apenas 1% da força de trabalho dos metalúrgicos é feminina.</p> <p>Em 1991, apenas 27% dos 23 000 funcionários da Volkswagen possuíam o 1º grau completo. Hoje, são 86%. Com o 2º grau são 40% e com grau universitário, 15%</p> <p>Na General Motors, 30% dos 22 000 funcionários concluíram o 2º grau, 7,3% estão cursando universidade e 2,2% já iniciaram pós-graduação</p> <p>Em 1980, 44% dos trabalhadores da Fiat não tinham o 1º grau completo. Hoje, esse número caiu para 8%. No mesmo período, a quantidade de operários com diploma universitário, que era nula, chegou a 11%.</p>	
<p>31/01/2001</p> <p>Edição 1685</p> <p>8</p>	<p>O número 1 dos negócios</p> <p>A escola Wharton desbanca Harvard no ranking dos melhores MBAs do mundo</p>	<p>Patrícia fez teste em oito das melhores escolas americanas e foi aprovada por sete. Optou por Wharton.</p>	<p>O ranking mundial dos MBAs, publicado na segunda-feira em Londres pelo diário Financial Times, coloca Wharton em primeiro lugar, posição ocupada por Harvard nas listas anteriores. Entre os dez primeiros colocados, oito são americanos. Com os dois europeus.</p> <p>Wharton teve nota 76,1 (numa escala de 0 a 100), para a qual contribuíram fatores como a presença maior de estudantes estrangeiros e a elevada</p>

		<p>Mercado em explosão também por aqui, a oferta de MBAs conta com uma novidade no ranking do Financial Times, que traz um representante verde-amarelo. É o Coppead, mantido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que aparece em modesto 99º lugar, mas digno, já que se estima a existência de 1.500 MBAs com dedicação exclusiva ao redor do mundo.</p>	<p>capacidade de pesquisa.</p> <p>Nada menos que 94% dos ex-alunos conseguiram seu primeiro emprego depois do diploma por indicação de professores e colegas.</p> <p>Pelo MBA da escola de Filadélfia já foram diplomados 176 brasileiros. Atualmente há outros 32 alunos matriculados.</p> <p>O custo do MBA completo com despesas de hospedagem fica em cerca de 100.000 dólares.</p>
<p>14/02/2001</p> <p>Edição 1687</p> <p>9</p>	<p>O “X” da questão</p> <p>A tabela diz tudo: quanto mais se estuda, maior é o salário e menor é a taxa de desemprego</p>	<p>A notícia é das melhores para quem está investindo na própria educação.</p> <p>A distância entre a remuneração dos sem-diploma e dos com-diploma está gigantesca.</p> <p>O emprego para o pessoal sem qualificação está desaparecendo.</p> <p>Entre os universitários, a taxa de desemprego é de 3%, ou seja, padrão de economia americano. Para quem não acabou o ensino médio é de 13%, o dobro da média brasileira.</p> <p>O xis da questão é que a maioria dos brasileiros não está preparada para participar da festa do mundo globalizado. O país conseguiu avanços dignos de nota, mas ainda tem enormes desafios pela frente. Só 11% dos jovens em idade de frequentar a</p>	<p>Os salários das pessoas que conseguem chegar ao topo da formação escolar no Brasil já são equivalentes aos rendimentos obtidos por americanos e europeus com o mesmo grau de qualificação.</p> <p>Entre os universitários, a taxa de desemprego é de 3%, ou seja, padrão de economia americano.</p> <p>Na Argentina e no Chile esse índice é de 30%.</p> <p>Trinta anos atrás, a Irlanda era um dos países mais pobres da Europa. Vários governos seguidos</p>

		<p>universidade estão matriculados.</p> <p>Entre os trabalhadores brasileiros, 65% só chegaram até os primeiros quatro anos do ensino fundamental, que é concluído em oito anos.</p>	<p>mantiveram-se fiéis a um mesmo programa de metas e injetaram volumes pesados de dinheiro no sistema educacional. Em meados da década de 90, os irlandeses começaram a colher os primeiros frutos.</p> <p>A Coréia do Sul, a Nova Zelândia e a Espanha também já foram primos pobres do mundo globalizado. O investimento em educação foi um ingrediente fundamental do sucesso alcançado por todos.</p>
<p>21/02/2001</p> <p>Edição 1688</p> <p>10</p>	<p>Aula de casinha</p> <p>Escola ensina moças a ser como a vovó. Para casar</p>	<p>Nela, além de geografia, matemática e português, as alunas dos cursos fundamental e médio aprendem a tratar bem os futuros maridos, trocar as fraldas dos futuros filhos, varrer a futura casa, cozinhar, costurar e portar-se decentemente em público.</p> <p>Sua mensalidade é de 160 reais, na média dos bons colégios da cidade.</p> <p>São mais de 1.000 alunas, que dispõem de verdadeiros laboratórios da vida doméstica para o aprendizado.</p> <p>Além de educar garotas, a escola ampara necessitados. Os bebês ninados nas aulas práticas são filhos de mulheres carentes. Enfermeiras e pediatras mostram como lidar com as crianças, que recebem alimentação balanceada e carinho.</p>	
<p>07/03/2001</p> <p>Edição</p>	<p>Viva a Periferia</p> <p>Um estudo do MEC</p>	<p>Uma pesquisa inédita encomendada pelo Ministério da Educação, (...), traz uma excelente notícia para quem estuda em escolas precárias, onde faltam salas de aula, computadores e às vezes não</p>	

<p>1690</p> <p>11</p>	<p>mostra que há escolas pobres oferecendo ensino de alta qualidade</p>	<p>existe sequer uma linha telefônica. O estudo mostra que, apesar das precárias condições materiais, elas podem oferecer um ensino de alta qualidade – e até superior ao de instituições abastadas em que nada falta.</p> <p>A pesquisa, feita por técnicos da Fundação Carlos Chagas, identificou escolas públicas de cinco Estados com as notas mais elevadas no Saeb.</p> <p>No resultado, dez eram públicas. Todas elas combinam duas características: estão entre as mais pobres e também entre as mais bem-sucedidas de seus Estados.</p> <p>O mérito das dez escolhidas está, basicamente, em três aspectos. Elas adotam práticas pedagógicas adaptadas à realidade dos alunos, os professores compensam lacunas de formação com cursos de atualização e os diretores são bastante presentes.</p> <p>"Essas escolas são um exemplo alentador diante das restrições do ensino público", afirma o ministro da Educação, Paulo Renato Souza.</p> <p>"A pesquisa mostra que é vital investir em capacitação de professores e diretores. Mostra também que, quando há esforço em realizar atividades extraclasse, a escola melhora."</p> <p>Com isso, é possível superar até a lógica segundo a qual 70% do desempenho escolar da criança depende da classe social dos pais – e apenas 30% ficam a cargo do ensino.</p> <p>Na Escola Estadual Jornalista Rômulo Maiorana, em Ananindeua, na região metropolitana de Belém, a grande maioria dos pais é analfabeta e sobrevive de bicos. Os filhos, porém, têm contato com uma realidade que o ambiente familiar não lhes proporciona: ouvem</p>	<p>Outras pesquisas, inclusive estrangeiras, já haviam iluminado a</p>
-----------------------	---	--	--

		<p>música, lêem recortes de jornais e vêem filmes no videocassete. A evasão é quase inexistente. Quando um dos 2.500 alunos falta dois dias seguidos, os professores batem na porta da casa da criança e a trazem de volta.</p> <p>A escola tinha tudo para chafurdar em notas ruins no exame do Saeb, mas figura entre as mais bem-sucedidas porque seus alunos são levados com frequência ao cinema para ver filmes ligados às matérias, visitam museus e, como não dispõem de laboratório de ciências, vão a zoológicos e centros especializados.</p> <p>O estudo confirma a tese de que um diretor afinado com sua equipe e bem informado alavanca o desempenho dos alunos.</p> <p>Mesmo funcionando como solitários oásis no meio do cinturão de pobreza, as dez escolas mapeadas pela Fundação Carlos Chagas têm, variando na dose, esses fatores a seu favor. Alguns professores estão cursando faculdade para cobrir a deficiência de formação. Outros se lançam em cursos de atualização, dentro ou fora das escolas.</p> <p>No meio da falta de recursos, o colégio conseguiu construir um tripé ambicionado por qualquer instituição, pública ou privada: diretor atuante, professores capacitados e pais presentes.</p>	<p>questão. Mostram que o resultado melhora quando o diretor possui mais livros em casa, quando o diretor e o professor permanecem mais tempo na escola e, por fim, quando o professor tem formação acadêmica adequada para a série que está ensinando.</p>
<p>21/03/2001</p> <p>Edição 1692</p> <p>12</p>	<p>Campeões do provão</p> <p>Perfis dos primeiros no "Provão" do Ministério da Educação mostram</p>	<p>Estudantes mais pobres de universidades públicas têm melhor desempenho que os alunos mais ricos de escolas particulares.</p> <p>Ao contrário do que se pensa, os estudantes mais ricos não estão tirando vagas de alunos pobres nas universidades mantidas pelo poder público.</p>	

	<p>como a escola ajuda a subir na vida, confirmam a qualidade da universidade pública e revelam coisas surpreendentes sobre o universitário brasileiro</p>	<p>Esses universitários mais abonados em geral freqüentam escolas privadas.</p> <p>A maior parte dos estudantes universitários brasileiros é composta de pessoas cujos pais não freqüentaram cursos superiores.</p> <p>Em torno de 70% dos estudantes vêm de lares em que a renda familiar é de até 3.000 reais.</p> <p>Metade dos universitários completou o ensino médio em escola pública.</p> <p>Quase 50% dos alunos trabalham pelo menos vinte horas por semana.</p> <p>Pela primeira vez na história do Provão, o Ministério da Educação decidiu divulgar também a lista dos primeiros colocados nos dezoito cursos avaliados.</p> <p>Das entrevistas com esses dezoito bons alunos, é possível entender algumas razões de seu desempenho.</p> <p>Todos eles levaram as aulas a sério. Nesse grupo de elite, houve os que passaram os últimos anos apenas estudando e os que trabalharam paralelamente à realização de seus cursos.</p> <p>Nesse grupo de dezoito, só dois não falam nem escrevem em inglês. E quinze têm computador em casa. Apenas um diz que não o usa frequentemente. A maior parte deles também lê jornal diariamente e dedica algum tempo a ler livros que não têm relação com sua área de estudos.</p> <p>Confirma-se que a universidade está cada vez mais aberta e democrática, elevando a maioria dos estudantes a um degrau</p>	
--	--	---	--

superior na escada social.

Há duas regras gerais sobre o ensino público. Uma reza que as escolas públicas são melhores que as particulares. Outra diz que os ricos é que se beneficiam dessa qualidade. A primeira tese agora tem o respaldo do Provão. Dos dezoito melhores, dezesseis estavam em universidades públicas. Já a segunda assertiva sai lanhada do levantamento. Ou seja, o fato de ter acesso a ensino fundamental e médio de qualidade nas melhores escolas particulares, freqüentadas pelos mais ricos, não dá um passe automático para o curso superior gratuito.

Ainda há uma bem demarcada divisão de território entre as carreiras mais e menos disputadas. As que têm grande concorrência, como medicina, tendem a ser ocupadas por estudantes de famílias mais abonadas, que não trabalham e vão para a escola em carro próprio. Letras, química e matemática, são mais amena entre vagas e candidatos, dão oportunidade aos que têm dificuldades econômicas.

Os números mostram também que a maioria dos que conseguem chegar ao Provão vem de famílias de classe média, é branca, jovem e nasceu nos Estados mais desenvolvidos do país. Isso acontece apesar da imensa abertura que se viu no ensino superior nos últimos anos. Entre 1994 e 2000, o número de matrículas nas universidades aumentou 40%, alcançando 2,7 milhões.

Em torno de 60% das instituições públicas federais conseguiram A ou B no Provão. Nas estaduais, cerca de 40% tiveram essas notas. Só 22% das instituições privadas alcançaram o mesmo desempenho.

Data	Matéria/ Linha Fina	Sobre o Brasil	Sobre outro país
<p>18/04/2007</p> <p>Edição: 2004</p> <p>1</p>	<p>O pior da turma</p> <p>Economistas dizem que o Brasil vai mal na educação por um motivo: falta pensar no futuro</p>	<p>Comparado com países ricos tem atraso de 120 anos no que diz respeito à educação.</p> <p>Busca resultados imediatos.</p> <p>Encara a educação como problema de construção civil.</p> <p>Brasil: Pior da turma nas comparações internacionais.</p>	<p>Países onde a educação funciona, leva-se em consideração: metas acadêmicas, professores capazes e sistema que cobre resultados.</p> <p>Irlanda: metas para diminuir o índice de analfabetismo que deram certo.</p>
<p>18/04/2007</p> <p>Edição: 2004</p> <p>2</p>	<p>É bom começar cedo</p> <p>Pesquisa mostra que freqüentar o jardim-de-infância tem efeito positivo ao longo da vida escolar</p>	<p>Ingressar cedo na escola não só não é prejudicial às crianças como costuma ter conseqüências positivas no aprendizado a longo prazo.</p> <p>É a partir dos 3 anos que a escola passa a ser mais proveitosa.</p> <p>No Brasil 45% das crianças não freqüentam a pré-escola.</p>	<p>Patrocinados pelo governo americano, os pesquisadores monitoraram 1 300 crianças, da maternidade aos 12 anos, a cada quatro meses. A metade delas ficou em casa até os 5 anos, entregue aos cuidados da mãe ou de uma babá, enquanto a outra parte freqüentou a escola. Até a chegada da pré-adolescência, os dois grupos foram submetidos a provas para medir o desempenho escolar. Resultado: os estudantes enviados ao jardim-de-infância antes do ensino fundamental se saíram melhor em todas as disciplinas testadas.</p> <p>Eis um exemplo extraído da pesquisa americana: aos 12 anos, os estudantes que haviam freqüentado a pré-escola apresentavam vocabulário mais rico do que o restante da turma.</p> <p>O que os especialistas já sabem – e o novo estudo confirma por meio de uma fatura de dados qualitativos – é que o cenário mais favorável ao desenvolvimento pleno das crianças, dos 3 anos em diante, combina dois fatores de pesos semelhantes: um ambiente familiar rico em estímulos e uma boa escola. Conclui o psicólogo Jay Belsky, um dos autores do</p>

			<p>trabalho: "Os melhores resultados escolares se dão quando a família é parte ativa na educação".</p> <p>Na Inglaterra 23% das crianças não freqüentam a pré escola. No Canadá 35%, Nos Estados Unidos 40%; No Chile 50% e na China 60%.</p>
<p>02/05/2007</p> <p>Edição: 2006</p> <p>3</p>	<p>Luxo zero, ensino nota 10</p> <p>Pesquisa mostra um fato surpreendente: as melhores escolas públicas do Distrito Federal são também as mais pobres</p>	<p>Entre as dez escolas campeãs de ensino do Distrito Federal, segundo ranking do Ministério da Educação, sete não apresentam nenhum traço externo de modernidade. Ao contrário. São depósito de cadeiras sem encosto, acumulam goteiras e convivem com vidros (eternamente) quebrados</p> <p>A mais pobre no grupo da excelência acadêmica, a escola 801 de Recanto das Emas é de longe o exemplo mais extremo: funciona em frágeis galpões de madeira, nos quais a temperatura no verão gira em torno de 40 graus Celsius – uma estufa sem direito a ventilador. A escola não tem sequer pátio para o recreio.</p> <p>Um ponto que une as dez melhores escolas públicas do Distrito Federal é o foco que dão à leitura, um hábito raro entre os estudantes brasileiros.</p> <p>A experiência dessa e de outras escolas públicas do Distrito Federal enfatiza a eficácia de outra medida também rara na rede pública: a de se exigir de estudantes como Lucas a leitura de um número mínimo de livros por ano – prática ignorada pelos piores colégios do Distrito Federal, de acordo com o mesmo estudo.</p> <p>A pesquisa do Distrito Federal chama atenção ainda para a eficiência de um tipo raro de escola no Brasil: a que aplica nas fronteiras acadêmicas alguns dos preceitos empresariais.</p>	

		<p>Por fim, as melhores escolas do Distrito Federal revelaram ser (quem diria) boas empregadoras. Seus professores têm cerca de cinco anos de casa – uma eternidade em comparação com a média nacional, de apenas um ano. O estudo esclarece o que os faz permanecer no emprego: eles recebem incentivos pelo bom desempenho dos estudantes em sala de aula. Em alguns casos, são presenteados com livros e material didático alternativo. Noutros, são aplaudidos em cerimônias públicas. Tudo simbólico.</p>	
<p>16/05/2007</p> <p>Edição: 2008</p> <p>4</p>	<p>Na língua de “kmoes”</p> <p>Pobre Camões. Estão mudando a língua escrita. Felizmente na escola é diferente</p>	<p>Através dos links, o aluno navega na rede descortinando um mundo de coisas novas. Tudo é muito rápido. Estaria tudo bem se as escolas estivessem acompanhando essa tendência. Não estão.</p> <p>Chats, blogs e sites de relacionamento como o Orkut têm artifícios de sobra para atrair meninos e meninas. É na internet que eles se sentem reis: têm habilidade para escrever e interagir, numa velocidade inédita.</p> <p>Meninos e meninas que consideram mais difícil escrever uma redação do que decifrar enigmas complicadíssimos de jogos eletrônicos.</p> <p>A autoria na web dá mais motivação ao aluno porque traz visibilidade imensa e cria uma competição saudável entre os estudantes. Embalados por esse movimento, os chamados edublogs (blogs com finalidades educacionais) começam a se multiplicar.</p> <p>No Brasil, a maioria dos colégios particulares e algumas escolas públicas mantêm laboratórios de informática, mas poucos os utilizam como aliados no ensino da escrita.</p> <p>É o caso do Albert Sabin, em São Paulo. Pelo segundo ano consecutivo, ele usa a internet nas aulas de português da 3ª série</p>	<p>Acadêmicos que se dedicam ao assunto, como o professor de antropologia cultural Michael Wesch, da Universidade Estadual do Kansas, autor de Web 2.0..., não têm dúvidas: a linguagem não-linear da internet é, hoje, infinitamente mais sedutora para os estudantes.</p> <p>Na Inglaterra, já existe até um prêmio, o Edublog Awards.</p>

		do ensino fundamental. Depois de lerem poemas de escritores nacionais, sempre com a ajuda do bom e velho livro, os estudantes de 9 anos soltam a imaginação.	
16/05/2007 Edição: 2008 5	<p>O computador não educa, ensina</p> <p>A tecnologia pode ser uma poderosa ferramenta para facilitar o aprendizado, mas não pelas razões que muita gente acredita</p>	<p>Tornou-se com isso laboratório para uma experiência patrocinada pelo governo federal cujo objetivo (ainda distante) é presentear com um computador portátil cada uma dos 30 milhões de crianças da rede pública. Por enquanto, chegarão a apenas 1.000 estudantes de cinco escolas brasileiras, num projeto semelhante aos que estão sendo testados numa dezena de outros países em desenvolvimento.</p> <p>Ao se distribuírem laptops a crianças pobres, acredita-se que elas ganhem uma ferramenta para descortinar novos – e mais promissores – horizontes na escola e em casa.</p> <p>A chegada dos laptops às salas de aula de um número imenso de escolas brasileiras traz ao país uma questão sobre a qual educadores no mundo todo estão debruçados: como fazer dos computadores, que abriram à humanidade uma nova dimensão de acesso às informações e à produção de conhecimento, um instrumento para transformar a velha escola, praticamente congelada no tempo desde o século XIX?</p> <p>Para as escolas, ter os estudantes entrelaçados por meio de redes virtuais é uma novidade – e um avanço no aprendizado.</p> <p>Os estudos enfatizam dois efeitos positivos das comunidades virtuais. Primeiro, elas abrem uma nova dimensão ao exercício intelectual, na qual as crianças são incentivadas a desenvolver rapidez de raciocínio para dar respostas on-line e a expor idéias diante de centenas de colegas virtuais. O segundo fato positivo é que as redes ensinam a trabalhar em equipe.</p>	<p>Japão. Estudar em rede lá tornou-se uma febre. Com o computador, as crianças dividem as etapas de um experimento de física e se lançam em longos debates literários.</p> <p>O professor brasileiro Soleiman Dias – na Coréia do Sul. Como os professores coreanos, ele reserva uma hora do dia para tirar dúvidas e propor desafios on-line.</p> <p>A experiência internacional mostra que projetos parecidos com o que o governo brasileiro quer implantar às vezes são desastrosos. Nos Estados Unidos, por exemplo, escolas que distribuíram laptops às crianças voltaram atrás por ter chegado a uma conclusão desanimadora. O alto investimento não havia contribuído para a melhora no desempenho dos estudantes. Pior: os alunos perdiam tempo em navegações por sites de redes de fast-food, em chats e ainda tentavam driblar os filtros de segurança para acessar páginas pornográficas.</p> <p>A antropóloga americana Juliane Remold dedicou dois anos à</p>

		<p>Os efeitos do computador na educação crescem exponencialmente quando seu uso ultrapassa as fronteiras da escola – e nesse ponto a idéia do governo federal de distribuir laptops para que as crianças levem para casa é acertada.</p> <p>Outro impacto positivo dos computadores em casa é que eles ajudam a aproximar os pais da vida escolar, fator decisivo ao bom resultado acadêmico.</p> <p>Os especialistas costumam estar de acordo sobre um ponto básico: o computador pode, sim, dar contribuições relevantes à sala de aula, mas tudo depende de como se faz uso da tecnologia.</p> <p>A principal causa do fracasso de tais programas é a falta de preparo dos professores.</p> <p>A psicóloga remete a uma questão-chave para o sucesso de um programa como esse no Brasil: como tirar proveito dos laptops em escolas cujos professores mal conseguem formar estudantes capazes de concluir as operações fundamentais da matemática? As experiências brasileiras de levar computadores às escolas públicas, até então, foram um fiasco. Elas esbarraram em dificuldades básicas.</p> <p>Outra barreira que merece atenção no caso brasileiro é a falta de segurança oferecida aos computadores pelas escolas públicas, alvos freqüentes de roubos e assaltos.</p> <p>Essa e outras bem-sucedidas experiências enfatizam ainda a idéia de que o computador pode funcionar como poderoso motivador ao aprendizado. Afinal, ele traz à sala de aula uma linguagem com a qual os estudantes estão familiarizados – e adoram.</p>	<p>observação de trinta escolas brasileiras equipadas com computador e traçou um cenário desolador. A metade das máquinas acumulava pó nos laboratórios porque careciam de manutenção ou eram ignoradas pelos professores, que muitas vezes não sabiam sequer ligar o equipamento.</p> <p>Em países como o Canadá, leva-se o assunto tão a sério que as universidades oferecem uma especialização para isso. As escolas canadenses contratam pelo menos um desses profissionais, encarregado de organizar a biblioteca de software (sim, no Canadá toda escola pública tem uma do gênero) e orientar os professores sobre o uso do computador em cada disciplina.</p> <p>Um dos trunfos de escolas européias e americanas foi ter programado as máquinas para dar respostas imediatas: os alunos são avisados no momento exato em que cometem um erro ou acertam. As respostas instantâneas, dizem as pesquisas, incentivam mesmo os mais desinteressados da classe a seguir com a exploração virtual: eles se sentem como num jogo.</p>
--	--	---	--

		<p>Quando bem usados, os computadores também têm contribuído, de forma decisiva, para despertar o interesse pela leitura. O acesso ao computador é, portanto, básico – e o fato de o governo cogitar fazê-lo chegar a milhões de estudantes, em tese, é bom. Mas restam questões práticas a enfrentar ao investir num projeto que encareceria em 40% os gastos oficiais com os estudantes da rede pública. A primeira delas é concentrar esforços para elevar o nível dos professores. Só assim o ensino brasileiro terá chance de deixar a rabeira nos rankings internacionais – e os laptops poderão ampliar o horizonte de crianças pobres como Emeline Pereira e seus colegas de Porto Alegre.</p>	<p>O computador que pode levar o mundo digital a quase todas as salas de aula tem um pai – o americano Nicholas Negroponte. Há menos de dois anos, ele surgiu com uma idéia que conquistou o interesse mundial: fabricar um laptop para ser usado por estudantes em países pobres cujo custo fosse de 100 dólares.</p> <p>Crianças no Japão: estudar em rede virou febre.</p>
<p>23/05/2007</p> <p>Edição: 2009</p> <p>6</p>	<p>Cultura do sucesso</p> <p>Pesquisa mostra que jovens de origem asiática vão mais longe nos estudos e estão deixando os brasileiros para trás</p>	<p>Estudam em média 5 horas por dia</p> <p>Ser <i>nerd</i>= sinal de vergonha.</p> <p>A instituição não incentiva bons alunos e nem bons professores.</p> <p>Os brasileiros não entenderam que o sucesso depende de sacrifícios e paciência para esperar pelos resultados.</p>	<p>Estudam em média 8 horas por dia</p> <p>Os japoneses/ chineses e coreanos investem tudo o que têm em educação.</p> <p>Passam noites debruçados sobre apostilas e equações matemáticas.</p> <p>Possuem senso de competição</p> <p>Permanecem em silêncio durante as aulas</p> <p>Ser <i>nerd</i> = sinal de prestígio</p> <p>Estudantes asiáticos também se destacam no mercado de trabalho, chegando a ocupar 20% das vagas nas carreiras mais disputadas.</p>

			<p>Participação dos pais na vida escolar</p> <p>As famílias asiáticas entenderam que o sucesso depende de sacrifícios e paciência para esperar pelos resultados.</p>
<p>06/06/2007</p> <p>Edição: 2011</p> <p>7</p>	<p>O herói da USP</p> <p>Xingado pelos grevistas, o professor Abdalla dá um bom exemplo: ele quer ensinar</p>	<p>No Brasil quase foi linchado pelos acadêmicos por dar aula em situação de greve.</p> <p>Alunos da USP têm como reivindicações: mais refeições gratuitas e linhas regulares de ônibus no campus.</p> <p>Também chama atenção pelo excesso de método. Suas aulas são milimetricamente planejadas- hábito que cultivou nas várias passagens como professor no exterior.</p> <p>Grevistas se filiaram a militantes do MST e ameaçaram o professor.</p>	<p>Na Europa, Estados Unidos e China recebe tratamento cinco estrelas.</p> <p>O professor Abdala tem hábito de planejar milimetricamente suas aulas: hábito cultivado nas várias passagens ao exterior.</p>
<p>13/06/2007</p> <p>Edição: 2012</p> <p>8</p>	<p>Ensino que é bom...</p> <p>Mãe ganha na justiça o direito de protestar contra o colégio da filha. Na cartilha sobra ideologia e falta conteúdo</p>	<p>Criticar o capitalismo é saudável, como qualquer crítica. Mas fazer proselitismo esquerdista usando fatos errados é de lascar.</p> <p>Ao se interessar pelo material didático usado na escola da filha, a dona-de-casa Mírian Macedo, 53 anos, levou um susto. Ela correu ao Colégio Pentágono, de São Paulo, um dos que aplicam as apostilas, decidida a cancelar a matrícula da filha. Luísa, de 15 anos, estudava lá havia nove.</p> <p>O caso acabou na Justiça. Por meio de uma liminar, o COC exigiu a retirada do nome da instituição do documento. Há duas semanas, a Justiça reavaliou a questão e deu a Mírian o direito de divulgar a versão original. O COC, por sua vez, avisou que fará uma revisão de suas apostilas, usadas por 220.000 estudantes. Reconhece Chaim Zaher, o dono do grupo: "Erramos mesmo".</p>	

		<p>Apostilas e livros didáticos adotados pelas escolas brasileiras estão contaminados pela doutrinação política esquerdizante.</p> <p>Como mostra a reação de Mirian Macedo, as escolas ensinam, mas cabe aos pais educar – no sentido mais amplo possível.</p>	
<p>27/06/2007</p> <p>Edição: 2014</p> <p>9</p>	<p>Educar é medir, ter metas e cobrar</p> <p>Novo indicador do MEC diz quanto cada escola do país deve progredir</p>	<p>Sobre as escolas brasileiras, sabia-se que eram assoladas por taxas de repetência similares às de países africanos. E só. Apenas em 1990 surgiu o primeiro medidor no país para aferir a qualidade da educação, o Saeb, seguido de uma leva de avaliações durante o governo Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>O governo Lula intensificou ainda mais as medições, o que permitiu, enfim, enxergar com precisão as deficiências em sala de aula em todos os níveis de ensino. Na semana passada, o Ministério da Educação (MEC) divulgou um novo ranking de escolas públicas de ensino fundamental – o mais completo já feito no país. É o mais recente dos medidores oficiais, o Ideb.</p> <p>É um sistema de cobranças e incentivos. As escolas que superarem a meta receberão mais verbas.</p> <p>O estímulo para que as escolas brasileiras elevem o nível vem em boa hora. O Ideb mostra que elas ainda estão a anos-luz da excelência. Eis o pior dado: a média geral, segundo o novo medidor, não passou de sofríveis 3,8 (numa escala de zero a 10). Raríssimas escolas da lista não tiraram nota vermelha na avaliação. Mais precisamente, 178 delas, solitárias ilhas de bom ensino que conseguiram cravar notas acima de 6.</p> <p>Sim: apenas 0,3% das escolas brasileiras oferta ensino de qualidade comparável ao que predomina nas salas de aula dos países mais ricos.</p>	<p>Os rankings têm gerado em outros países uma saudável competição entre escolas e universidades – e servido como estímulo para que as piores elevem o nível das aulas.</p>

O Ideb mostra, em suma, que bom ensino não depende de soluções mágicas, mas, sim, de empenho. Nas escolas campeãs, a equipe de educadores certamente trabalha mais (e queixa-se menos) do que a média nacional, os pais são mais entusiastas da rotina escolar e os estudantes passam mais tempo em sala de aula.

De novo, o Ideb remete à idéia do esforço para chegar ao bom ensino. Em escolas campeãs, como a de Marco Aurélio, os professores não só cultivam o hábito de preparar as aulas (básico, porém raro no país) como também estudam mais. Enquanto 32% dos professores brasileiros nunca pisaram numa universidade, nas vinte melhores escolas do país 92% têm diploma de graduação, sendo que 63% poliram seu currículo com uma especialização. A cada nova especialização, os professores ganham aumento de salário e licença de até quatro anos para prosseguir com os estudos. Com esse tipo de política, o CAP segura em seus quadros profissionais como a professora Ana Lúcia Mayor, de 44 anos, doutora em literatura.

Um indicador como o Ideb não só contribui para divulgar os bons exemplos como também revela, para a maioria das más escolas, o abismo que as separa da excelência.

O problema é que, no Brasil, medidores como o Ideb costumam passar em branco nas escolas – boas e ruins. Ao ouvir que o colégio municipal Esfinge, de Lauro de Freitas, na Bahia, havia aparecido em último lugar no ranking do MEC, com média 0,1 (sim, na mesma escala de zero a 10), Nailma dos Santos indagou: "Ideb? É um novo canal de televisão?". Detalhe: Nailma é a diretora da escola.

A experiência mostra que indicadores do gênero têm sido

		<p>ignorados no Brasil não apenas por desconhecimento mas, principalmente, pela aversão a levantamentos cujos dados permitem montar rankings, indicadores de quem está fazendo mais com o mesmo e até com menos.</p> <p>O Ideb mostra que lhes resta, ainda, um longo caminho pela frente. O novo índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb) retrata a péssima qualidade das escolas brasileiras. Numa escala de zero a 10...</p> <ul style="list-style-type: none"> • a média das escolas foi 3,8 • apenas 0,3% delas superou a nota 6 • a campeã do ranking tirou 8,5. 	
<p>04/07/2007</p> <p>Edição: 2015</p> <p>10</p>	<p>Receita Mineira</p> <p>O bom exemplo de minas, que emplacou as cinco universidades campeãs no novo ranking do MEC</p>	<p>O nível da educação nacional oscila entre o ruim e o péssimo sempre.</p> <p>Em meio a estados atolados em notas vermelhas, Minas Gerais se destaca por superar a média, em todos os níveis de ensino. As cinco melhores universidades do país vêm de Minas Gerais. São solitárias ilhas de bom ensino.</p> <p>Cenário desastroso: apenas 4% dos cursos tiraram a nota máxima.</p> <p>Em Viçosa os melhores alunos e professores ganham prêmios o que torna o ambiente mais competitivo.</p> <p>Em Montes Carlos, os estudantes são incentivados a iniciar a participação no mercado de trabalho.</p> <p>O ponto que une as campeãs é a cultura local de arranjar dinheiro na iniciativa privada.</p> <p>A venda das tecnologias desenvolvidas na UFMG rendeu 2 bilhões de reais à universidade.</p>	<p>As universidades de Minas Gerais contam com um conjunto de medidas acertadas, já testadas, com sucesso em universidades estrangeiras.</p>

		<p>“A maioria dos acadêmicos no Brasil reluta em pesquisar o que de fato interessa”.</p> <p>Nas cinco campeãs, o pragmatismo supera às velha lamúrias sobre falta de verba.</p> <p>Todas vivem com orçamento menor do que a média das faculdades do país.</p> <p>O bom resultado dos universitários deve-se ao fato de virem das melhores escolas do país.</p> <p>Minas Gerais adotou medidas aprovadas em países de boa educação. As crianças entram na escola com 6 anos.</p> <p>Os professores concursados têm o desempenho avaliado por uma comissão de especialistas.</p> <p>Ao contrário do que ocorre no restante do país, os maus professores podem ser demitidos.</p>	
08/08/2007 Edição: 2020 11	Desconecta dos Sem supervisão, computadores nas escolas brasileiras mais distraem do que ensinam	<p>O computador é uma poderosa ferramenta do aprendizado. Por meio dele, os estudantes podem ingressar em redes virtuais, compartilhar projetos de pesquisa e acessar gigantescos bancos de dados. No entanto, não é o que tem ocorrido no Brasil. Uma pesquisa do Ministério da Educação (MEC) permite afirmar que o aparecimento de novos laboratórios de computadores nas escolas brasileiras fez o ensino piorar.</p> <p>Estudantes que usam computadores nas escolas estão seis meses atrasados nas matérias curriculares em relação aos alunos sem acesso ao equipamento.</p>	Países onde os estudantes cultivam o hábito de usar o computador na escola têm uma lição elementar a ensinar ao Brasil. Tais projetos só foram adiante com sucesso porque os professores receberam treinamento para fazer uso dos PCs para fins pedagógicos. No Chile, é o caso de 80% dos docentes. No Canadá, as escolas contratam ainda especialistas encarregados de organizar bibliotecas de softwares e

		<p>Outras pesquisas já haviam mostrado que os computadores têm contribuído pouco (ou nada) para a excelência nas escolas brasileiras.</p> <p>Aqui os professores mal sabem ligar o computador.</p> <p>Enquanto uma professora quer saber como aciona a letra maiúscula no teclado do laptop, a estudante Giovana Gomes, de 11 anos, expressa sua ambição em relação à nova máquina: "Vou poder brincar no site da Barbie e jogar games na escola". Sem supervisão, Giovana e seus colegas não irão longe.</p>	orientar os professores sobre como aplicá-los em sala de aula
15/08/2007 Edição: 2021 12	<p>A nova cara da ciência</p> <p>Quem são os três jovens brasileiros que aparecem na lista dos cientistas mais influentes no mundo</p>	<p>Um novo ranking revelou que quinze cientistas brasileiros estão entre os mais influentes do mundo.</p> <p>Eles chamam atenção pelos feitos científicos, todos na área da biomedicina, e pela faixa etária. Aos 40 e poucos anos, são precoces em um ambiente em que o apogeu se dá, em geral, uma década mais tarde.</p> <p>Foi nesse seleto conjunto de publicações que o veterinário mineiro Ricardo Gazzinelli apareceu no topo, ao lado dos especialistas mais influentes do mundo em sua área: a imunologia.</p> <p>A carioca Patricia Bozza e o mineiro Mauro Teixeira: em comum, as pesquisas dos campeões reúnem credencial básica para tomar o rumo do mercado – há demanda para elas. São raridade no Brasil.</p> <p>Apenas 7% das empresas no país recorrem à universidade.</p> <p>Os três têm ainda em comum passagens por universidades estrangeiras, o que lhes proporcionou contato com alguns dos</p>	<p>A pesquisa tomou como base o Scopus, banco de dados com sede na Holanda, que reúne informações de 97 países e armazena 1% dos periódicos científicos – justamente aqueles de maior repercussão internacional. É uma referência mundial.</p> <p>Apenas 7% das empresas no país recorrem à universidade. Nos países da Europa esse número é quatro vezes maior.</p> <p>Foi recentemente contratado por uma companhia suíça para desenvolver um remédio para tratar a arteriosclerose. Ganhará pelo trabalho 120.000 reais, quantia 40% mais alta do que a que recebe hoje por ano como pesquisador da UFMG. Resume Teixeira: "Cientista brasileiro precisa ser contorcionista".</p>

		<p>melhores especialistas do mundo em suas respectivas áreas.</p> <p>Os especialistas são unânimes ao afirmar que a ciência brasileira carece de dois fatores básicos para que avance: mais investimento e um sistema de distribuição de verbas capaz de incentivar os melhores pesquisadores.</p> <p>Na comparação internacional, o Brasil aparece em 37º lugar num ranking que mede quanto cada país gasta com pesquisa: apenas 0,8% do PIB, no caso brasileiro.</p> <p>O segundo problema é que pesquisadores como Gazzinelli e Teixeira, reconhecidos entre os mais influentes cientistas do mundo, recebem salários semelhantes aos de pesquisadores que, do ofício, só preservam o título.</p> <p>Embora o país tenha melhorado em alguns dos indicadores (veja quadro), os brasileiros ainda são bem menos citados em publicações de relevo acadêmico do que os pesquisadores de países como a China e a Índia: o Brasil ocupa a 22ª posição nesse ranking.</p> <p>Nesse cenário, surpreende o fato de a carioca Patricia Bozza ter-se tornado, com apenas 40 anos, uma das mais influentes farmacologistas do mundo.</p>	<p>Como a Coréia do Sul, que destina à ciência 3% de seu PIB.</p>
<p>22/08/2007</p> <p>Edição: 2022</p> <p>13</p>	<p>Yes, nós somos bilíngues</p> <p>Alfabetizar as crianças em dois idiomas é uma opção que causa ansiedade aos pais.</p>	<p>Desde 2005 foram abertas quarenta novas escolas de alfabetização simultânea em dois idiomas.</p> <p>Um erro freqüente das escolas bilíngües brasileiras é alfabetizar em duas línguas ao mesmo tempo.</p> <p>As escolas brasileiras deveriam copiar o que dá certo em países como Canadá e Cingapura.</p>	<p>O Canadá já alfabetiza as crianças em dois idiomas.</p> <p>Canadá e Cingapura como modelos de educação bilíngüe.</p> <p>Alfabetizam primeiro na língua mais difundida na cidade, para depois</p>

	<p>A boa notícia é que começar cedo é o melhor</p>	<p>A escola bilíngüe proporciona também contato com a cultura do outro país.</p> <p>Estudam em média sete horas diárias.</p> <p>As escolas seguem o currículo do MEC oferecem aulas em período integral. Metade em inglês e metade em português.</p> <p>As escolas bilíngües custam, em média, R\$ 1.400,00.</p> <p>É indicada a estudantes que querem prestar vestibular no Brasil.</p>	<p>ensinar a segunda língua.</p> <p>Oferece currículo idêntico ao de país de origem. Aulas em período integral e 90% em língua estrangeira.</p> <p>Custa, em média, R\$ 2.000,00.</p> <p>É indicada a jovens que pretendam seguir estudo no exterior.</p>
<p>12/09/2007</p> <p>Edição: 2027</p> <p>14</p>	<p>Graças a Deus- e não a Darwin</p> <p>As escolas adventistas aparecem entre as melhores do país, mas ainda sobrepõem o criacionismo à teoria da evolução</p>	<p>A educação até o século XVI se prestava, basicamente, a disseminar o catolicismo e arrebanhar fiéis.</p> <p>As matrículas em colégios católicos chegaram a cair 20% na última década.</p> <p>Em contrapartida, cresciam os colégios comandados pelos adventistas.</p> <p>318 escolas adventistas no país.</p> <p>As escolas adventistas se destacam também pelo seu bom nível acadêmico.</p> <p>As pessoas acreditam que essas escolas confessionais passam mais valores éticos, morais e cristãos.</p> <p>A escola incentiva o convívio com a natureza.</p> <p>É proibido o uso de brincos e colares para meninas e de cabelo comprido para meninos.</p> <p>70% dos estudantes matriculados não seguem a religião</p>	<p>Em escolas conservadoras dos E.U.A ainda há o predomínio da doutrina criacionista.</p>

		<p>adventista.</p> <p>Explica-se a teoria criacionista do mundo e a teoria da evolução.</p> <p>A maioria dos colégios católicos são administrados de modo antiquado.</p> <p>Os professores reconhecidos pelo mérito recebem bônus no salário.</p> <p>Ainda é raro no Brasil professor receber mérito pelo seu bom desempenho.</p> <p>Falta às escolas adventistas entender que o criacionismo foi superado pela ciência há mais de um século.</p>	
<p>03/10/2007</p> <p>Edição: 2028</p> <p>15</p>	<p>Prova do fracasso Estudantes não sabem a diferença entre uma sentença e um parecer. Os cursos são os culpados</p>	<p>Há 89 cursos de Direito péssimos no Brasil.</p> <p>37 cursos não conseguiram aprovar nem 10% dos estudantes no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).</p> <p>O fato do ensino ser ruim não é surpresa, outras pesquisas já mostraram cenário parecido e também em outros cursos de graduação.</p> <p>Os 89 cursos terão de apresentar ao MEC um plano com metas para superar as deficiências.</p> <p>Os estudantes no exame da OAB, não sabiam a diferença entre uma sentença e um parecer.</p> <p>Essas faculdades poderão ter o curso suspenso se não apresentarem propostas.</p>	<p>Nos EUA uma pesquisa conclui que 120 faculdades de medicina eram sofríveis. A maioria fechou as portas por falta de aluno.</p>

		<p>O governo faz uso e avaliações para aferir o nível dos cursos superiores, mas nunca usou as conclusões para cobrar resultados. Os cursos de medicina passarão pela mesma triagem.</p> <p>Os cursos mal avaliados no <i>ranking</i> do provão tiveram a procura diminuída pela metade. Os campeões receberam 20% mais alunos.</p>	
<p>31/10/2007</p> <p>Edição: 2032</p> <p>16</p>	<p>Acusando, culpando e errando</p> <p>O gerúndio tem sido discriminado pelo hábito nacional de enrolar. O que há de verdade nisso?</p>	<p>O gerúndio acusado oficialmente de leniente e enrolador.</p> <p>Uma parcela expressiva da população de brasileiros passou a usar o gerundismo.</p> <p>A versão mais popular informa que a praga surgiu entre os operadores de telemarketing.</p> <p>Herdado do latim, o gerúndio é a forma mais clássica do língua portuguesa.</p>	<p>O idioma de Shakespeare usa o gerúndio com entusiasmo.</p>
<p>07/11/2007</p> <p>Edição: 2033</p> <p>17</p>	<p>E a gente ainda goza dos americanos</p> <p>Em matéria de conhecimentos geográficos, os brasileiros são de uma <u>ignorância</u> que não está no mapa</p>	<p>50% dos brasileiros não sabem localizar o Brasil no mapa.</p> <p>2% disseram que o Brasil fica na Argentina.</p> <p>29% não tentaram responder.</p> <p>10% dos entrevistados, que passaram pela faculdade não sabiam que o Brasil fica na América do Sul.</p> <p>Só 18% sabem onde fica os EUA.</p> <p>Apenas 3% localizaram a França.</p> <p>84% não sabiam onde se localizava a Argentina.</p> <p>A ignorância no mapa-múndi impede que se estendam as relações</p>	<p>86% dos americanos sabem exatamente onde fica seu país.</p> <p>81% reconhecem o México.</p> <p>54% reconhecem a França.</p> <p>47% sabem onde está localizada a Argentina.</p> <p>Eles dão um banho nos brasileiros.</p>

		<p>de poder entre outros países e compromete o aprendizado de história.</p> <p>Os brasileiros dizem que os americanos são ignorantes em matéria de geografia.</p> <p>A péssima qualidade dos professores è a base da vergonha geográfica, agravada pela falta de mapas nas escolas.</p> <p>Falta de instrução familiar.</p> <p>Exibem uma ignorância que não está no mapa.</p>	
<p>05/12/2007</p> <p>Edição: 2037</p> <p>18</p>	<p>Lição bem-feita</p> <p>Um novo ranking revela escolas estaduais de ótimo ensino. Elas serão premiadas por isso</p>	<p>Aparece nas últimas posições em <i>rankings</i> internacionais sobre educação.</p> <p>Possui um sistema para aferir a qualidade do ensino abrangente e eficaz.</p> <p>O Ministério da Educação (MEC) implantou um sistema, onde as escolas públicas passarão a ter metas de desempenho e serão cobradas por isso.</p> <p>A Secretaria Estadual de Educação de São Paulo surpreendeu porque além de exigir objetivos, premiará com até três salários a mais o profissional que tiver melhora expressiva no nível das aulas.</p> <p>Saresp, prova de matemática e leitura aplicada a dois milhões de estudantes reforça a idéia da decadência do ensino.</p> <p>Numa escala de 0 a 10, os alunos no final do ensino fundamental tiraram 3,3.</p> <p>Saresp também mostrou as escolas de ótimo ensino.</p>	<p>Em outros países trabalha-se com sistema que reconhece talento das pessoas.</p> <p>Os professores que alcançam resultados positivos recebem incentivos concretos.</p>

		<p>As escolas com ótimo desempenho apresentam professores bem treinados e diretores dispostos a encontrar soluções para a falta de dinheiro crônica.</p> <p>Nesses oásis de bom ensino, os professores são mais animados e preparados.</p> <p>Com programa de premiação às escolas, esses professores bons passar~so a receber incentivos concretos pelos resultados alcançados.</p>	
<p>19/12/2007</p> <p>Edição: 2039</p> <p>19</p>	<p>Sumidos da sala de aula</p> <p>A história dos professores campeões em faltas chama atenção para uma lei benevolente- e prejudicial ao ensino</p>	<p>O professor= fator essencial para o bom ensino.</p> <p>Esses estudos se referem a duas qualidades fundamentais de um professor. A primeira delas diz respeito ao nível de conhecimento da matéria, um velho problema brasileiro. A outra é a sua capacidade de despertar interesse nos estudantes, estabelecer com eles uma relação de confiança e, enfim, fazer-se respeitado. Nesse caso, os professores brasileiros também patinam, antes de tudo por um motivo básico: muitos deles cultivam o estranho hábito de não aparecer para dar aula.</p> <p>Em 2007, os professores faltaram ao trabalho, em média, 32 dias – 15% do ano letivo. São vários os casos de alunos que mal recordam a fisionomia de seus supostos mestres. Alguns professores praticamente não pisaram na escola.</p> <p>As faltas médicas, motivo número 1 para o absenteísmo no Brasil.</p> <p>Sua história chama atenção para um fato perturbador: ao faltar tanto, nenhum deles sofreu algum dano na carreira, perdeu o sono preocupado com uma eventual demissão, tampouco teve prejuízos financeiros. Isso porque todos agiram rigorosamente dentro da lei.</p>	

		Eles têm direito a 105 ausências devidamente perdoadas. Se fizerem uso das demais faltas garantidas pelo Estado, também a salvo de descontos no salário, os professores só precisam comparecer 27 vezes à escola. Isso num ano letivo de 210 dias.	
20/02/2008 Edição: 2048 20	A melhor escola do mundo Como a Finlândia criou, com medidas simples e focados no professor, o mais invejado sistema educacional	O Brasil disputa as últimas posições do Pisa. Nem todas as profissões precisam de estudo.	Finlândia- escolas com instalações simples. As escolas finlandesas lideram o ranking do Pisa. As escolas apresentam currículo amplo: ensino de música, arte e pelo menos duas línguas estrangeiras. O título de mestre é exigido para professores do ensino básico. A profissão de professor é disputadíssima.a mais desejada pelos estudantes de ensino médio. O professor é o principal responsável pelo desempenho dos alunos. O currículo escolar é flexível. A cada três anos as metas são negociadas com o Conselho Nacional de Educação. Anualmente é feito um teste para aferir o resultado dos alunos.

			<p>99% das escolas são públicas.</p> <p>Os alunos contam com material escolar, refeições e transportes gratuitos.</p> <p>20% recebem reforço escolar (a média internacional é de 6%).</p> <p>É o país menos corrupto.</p> <p>Todos precisam ter educação mínima para serem cidadãos.</p> <p>A educação foi essencial para a virada na economia.</p>
<p>12/03/2008</p> <p>Edição: 2051</p> <p>21</p>	<p>Modelo de negócio</p> <p>Sistema implantado em Pernambuco aplica princípios empresariais na educação. Funciona</p>	<p>Um lugar sob o comando de "gestores", onde os funcionários são orientados por metas, têm o desempenho avaliado dia a dia e recebem prêmios em dinheiro pela eficiência na execução de suas tarefas, pode parecer tudo – menos uma escola pública brasileira. Pois essas são algumas das práticas implantadas com sucesso em um grupo de colégios estaduais de ensino médio de Pernambuco.</p> <p>Os alunos são testados na entrada, e quase metade deles tirou zero em matemática e notas de 1 a 2 em português. Isso numa escala de zero a 10. Depois de três anos, eles cravaram 6 em tais matérias, em uma prova aplicada pelo Ministério da Educação (MEC). Em poucas escolas públicas brasileiras a média foi tão alta – o que despertou o interesse de especialistas.</p> <p>De saída, há uma característica que as distingue das demais: elas são administradas por uma parceria entre o governo e uma associação formada por empresários da região.</p>	

O programa, implantado há quatro anos por iniciativa dos empresários e que agora colhe os resultados, não é o primeiro no país a aplicar esse tipo de cartilha nas escolas – mas, certamente, é o que fez isso de maneira mais radical.

Os professores, por exemplo, são avaliados em quatro frentes: recebem notas dos alunos, dos pais e do diretor e ainda outra pelo cumprimento das metas acadêmicas. Aos melhores, é concedido bônus no salário.

Jéssica Simões de Andrade, 17 anos, filha de uma empregada doméstica e de um mecânico que não passaram do ensino fundamental, Jéssica acaba de passar no vestibular de quatro universidades.

Um grupo de professores de bom nível, não há dúvida, foi um fator determinante. Em meio a milhares de concursados no estado, esses foram escolhidos a dedo, tal como os diretores. Todos passaram por uma prova de conhecimentos específicos, são formados nas áreas em que lecionam e 83% têm uma especialização ou mesmo um mestrado – raridade no cenário das escolas públicas do país.

Preparar as aulas = prática básica, mas incomum no Brasil.

Bruno e os colegas passam nove horas na escola – e não quatro, como nos demais colégios brasileiros. Isso, evidentemente, ajuda. À exceção de bons laboratórios de ciências e de computadores, não há nada de especial nas instalações. O que diferencia esses prédios de tantos outros da rede pública é, basicamente, sua extrema limpeza e conservação. Não se trata de um programa caro: o gasto por aluno, rateado entre o governo e os empresários,

		<p>sai por algo como 2 500 reais ao ano – bem menos do que custa um aluno de escola pública em países como Chile e Coréia do Sul.</p> <p>Escolas exemplos = “ilhas de bom ensino”.</p>	
<p>26/03/2008</p> <p>Edição: 2053</p> <p>22</p>	<p>Vá à escola, ganhe este celular</p> <p>Programa em Nova York chama atenção para uma discussão polêmica: até onde premiar os bons alunos</p>	<p>Em Minas Gerais, o governo do estado passou a conceder R\$3.000,00 aos estudantes de escolas públicas, sob a condição de completarem o ensino médio.</p> <p>Objetivo de estimular os alunos a não abandonarem a escola.</p> <p>As crianças precisam do dinheiro para concluir o ensino médio. O programa mineiro é um avanço no sistema educacional porque exige um bom desempenho do aluno, o que não acontece com programas como o Bolsa Família.</p>	<p>Em Nova York as crianças mais brilhantes e esforçadas ganham prêmios nas escolas públicas.</p> <p>O programa de premiar os alunos faz parte de uma nova política do governo para incentivar os alunos a estudar mais.</p> <p>Uma pesquisa mostrou que os mais estudiosos da turma, em Nova York, são alvo de desrespeito. Os prêmios começaram a mudar esse cenário.</p> <p>As crianças precisam do dinheiro para concluir o ensino médio</p>
<p>02/04/2008</p> <p>Edição: 2054</p> <p>23</p>	<p>Ciência num lugar inesperado</p> <p>Numa cidade brasileira marcada pelo atraso, surgirá um dos mais avançados laboratórios de neurociências do mundo</p>	<p>Em Macaíba, cidade pobre do Rio Grande de Norte será implantado um avançado centro de pesquisas especializado na área de neurociências.</p> <p>O médico responsável pelo laboratório escolheu um lugar, onde as pessoas viveriam tranquilamente longe da ciência.</p> <p>A maioria dos pesquisadores vai para o exterior e não voltam.</p> <p>As crianças passaram a se interessarem mais pela matéria de ciências depois que o laboratório foi construído.</p> <p>Cenário atrasado.</p>	<p>Na universidade de Duke (EUA) que o médico brasileiro Miguel Nicoletis fez o estudo na área de neurociência.</p>

